

Prática de Ensino Supervisionada
em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

ANDRÉ ALEXANDRE XAVIER GOMES

*Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para
obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

Orientador

Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso

Bragança

2019

Prática de Ensino Supervisionada
Em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

ANDRÉ ALEXANDRE XAVIER GOMES

*Relatório Final de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para
obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico*

Orientador

Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso

Bragança

2019

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, de acordo com o disposto no Artigo 10.º das Normas Regulamentares dos Mestrados do Instituto Politécnico de Bragança, de 02 de Fevereiro de 2018, sob orientação científica do Professor Doutor Mário Aníbal Gonçalves Rego Cardoso, Professor Adjunto do Departamento de Educação Musical da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.

DEDICATÓRIA

À minha Mãe!

“A vida não acaba, apenas se transforma...” (PE: António Loureiro)

AGRADECIMENTO

Encerra assim mais um capítulo da minha vida, inúmeros obstáculos e partidas que a vida criou tornando esse caminho difícil de caminhar, mas não teria sido possível a concretização do crescimento enquanto pessoa.

Quero agradecer ao meu pai e irmã por serem a minha força, por partilharmos a mesma luta.

Agradeço à minha Inês que nunca me deixa sozinho.

Ao professor Mário Cardoso pelos ensinamentos e amizade nesta caminhada.

Aos meus colegas que comigo caminharam neste percurso.

Ao professor Alcino pelo apoio e disponibilidade.

Aos meus colegas de casa Carlos Lopes, Nuno Rodrigues, Tiago Fitas e Rogério Pereira pelo companheirismo e amizade.

À família Real Tuna Universitária de Bragança que ficará no meu coração pela verdadeira amizade e bons momentos vividos enquanto estudante.

RESUMO

O presente documento representa todo o processo da Prática de Ensino Supervisionada onde frequentei o curso de Educação Musical no Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, fazendo uma exposição de todas as experiências de ensino/aprendizagens vividas na minha Prática no ano letivo de 2018/2019, no 2.º ciclo do Ensino Básico: 5.º e 6.º ano de Escolaridade. Sendo desenvolvido todo um trabalho relacionado, todos os conteúdos programados e a utilização do tema das novas tecnologias, realizando atividades importantes onde todos os alunos desenvolvessem a sua abordagem crítica/criativa, obtendo resultados de motivação e envolvimento com o objetivo dos alunos se ensinarem a si próprios, criando ferramentas a partir de *softwares* de gravação como o *Logic e Audacity*. Para além dos conhecimentos que o aluno tem atualmente em *smartphones*, tive como objetivo abrir o campo de conhecimento dos alunos demonstrando assim alguns recursos que os mesmos poderiam utilizar durante o seu percurso académico e mesmo até posteriormente durante a sua vida, desenvolvendo assim um possível caminho a seguir na minha prática como docente de Educação Musical. Neste percurso o professor tem um papel de construção de uma aprendizagem em contexto de sala de aula que seja igual para todos, havendo um elemento importante que define todo o trabalho que é a criação e o pensar em grupo.

Palavras-Chave: Educação musical; prática de ensino supervisionada; música; tecnologia na música.

ABSTRACT

This document represents the whole process of Supervised Teaching Practice where I attended the Musical Education in Basic Education course, at the Higher School of Education of the Bragança Polytechnic Institute, giving an exposition of all the teaching / learning experiences lived in my Practice in the year of 2018/2019, in the 2nd cycle of Basic Education: 5th and 6th grade. Being developed all related work, all programmed content and the use of the theme of new technologies, performing important activities where all students develop their critical / creative approach, obtaining results of motivation and involvement with the goal of students to teach themselves themselves by creating tools from recording software such as Logic and Audacity. In addition to the knowledge that the student currently has on smartphones, I aimed to open the students' field of knowledge by demonstrating some resources that they could use during their academic career and even later in their life, thus developing a possible path. to follow in my practice as a teacher of Music Education. In this path, the teacher has a role in building classroom learning that is the same for everyone, with an important element that defines all the work that is creation and group thinking.

Keywords: Music Education; Supervised teaching practice; Music; music technology

ÍNDICE GERAL

<i>DEDICATÓRIA</i>	<i>IV</i>
<i>AGRADECIMENTO</i>	<i>VI</i>
<i>RESUMO</i>	<i>VII</i>
<i>ABSTRACT</i>	<i>VIII</i>
<i>ÍNDICE GERAL</i>	<i>IX</i>
<i>ÍNDICE DE FIGURAS</i>	<i>XI</i>
<i>ÍNDICE DE QUADROS</i>	<i>XII</i>
<i>ÍNDICE DE ANEXOS</i>	<i>XIII</i>
<i>ABREVIATURAS E SIGLAS</i>	<i>XIV</i>

<i>INTRODUÇÃO</i>	<i>2</i>
-------------------------	----------

SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL

<i>1. Os marcos da formação</i>	<i>5</i>
1.1 A formação inicial.....	<i>5</i>
1.2 A iniciação à prática profissional.....	<i>7</i>
<i>2. O professor de Educação Musical</i>	<i>10</i>
2.1 Os saberes.....	<i>10</i>
2.2 As competências.....	<i>14</i>

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

<i>3. O lugar, as personagens e os materiais</i>	<i>17</i>
3.1. A escola.....	<i>17</i>
3.2. A turma.....	<i>18</i>
3.3. Os espaços e materiais de aprendizagens.....	<i>19</i>
3.4. Os documentos reguladores do processo de ensino.....	<i>20</i>

DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL

<i>4. Entrar, olhar e construir</i>	<i>22</i>
4.1. O enquadramento.....	<i>22</i>
4.2. Os objetivos.....	<i>23</i>
4.3. As estratégias.....	<i>24</i>

4.4. A dimensão investigativa da intervenção	25
5. <i>Conviver, partilhar e crescer</i>	27
5.1. <i>O Polisphone</i>	27
5.2. “Pequenos produtores” (<i>Logic Pro X</i>)	30
5.3. Análise reflexiva.....	32

REFLEXÃO SOBRE AS COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

6. “ <i>Quem eu sou...?</i> ”	37
7. <i>Tornar-me professor</i>	39
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	40
<i>ANEXOS</i>	44

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Identificação por blocos da instituição.	17
Figura 2 - Elementos femininos e masculinos das turmas.	18
Figura 3 - Sala de Música.....	19
Figura 4 - Anexo para arrumar instrumentos.	19
Figura 5 - Planejamento, Ação, Reflexão.....	25
Figura 6 - Paisagem Sonora	27
Figura 7 - Mapa de trabalho (exercício de aula)	28
Figura 8 - Ficha de Trabalho (exercício de aula)	29
Figura 9 - Projeto Logic Pro X.....	30
Figura 10 - Processadores de efeitos utilizados no processo	31
Figura 11 - Criação de partituras não convencionais	33

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Os valores de hoje e amanhã em cinco áreas-chave	11
Quadro 2 - Inventário de instrumentos existentes	19
Quadro 3 - Três competências do docente segundo Escuder	37

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Calendário Anual de Intervenção 5.ºano	45
Anexo 2 - Calendário Anual de Intervenção 6.ºano	46
Anexo 3 - Plano de Aula 5.º ano “Polisphone”	47
Anexo 4 - Plano de Aula 5.º ano	50
Anexo 5 - Plano de Aula 5.º ano	52
Anexo 6 - Plano de Aula 5.º ano	54
Anexo 7 - Plano de Aula 5.º ano	56
Anexo 8 - Plano de Aula 5.º ano	58
Anexo 9 - Plano de Aula 5.º ano	60
Anexo 10 - Plano de Aula 5.º ano	62
Anexo 11 - Plano de Aula 6.º ano	64
Anexo 12 - Plano de Aula 6.º ano	66
Anexo 13 - Plano de Aula 6.º ano	68
Anexo 14 - Plano de Aula 6.º ano	70
Anexo 15 - Plano de Aula 6.º ano	72
Anexo 16 - Plano de Aula 6.º ano	74
Anexo 17 - Plano de Aula 6.º ano	76

ABREVIATURAS E SIGLAS

CE: Conteúdos Essenciais

CP: Conteúdos de Procedimento

CT: Conteúdos Transversais

PES: Prática de Ensino Supervisionada

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Chegando ao final da minha prática supervisionada foi realizado o relatório final de estágio onde ao longo do ano foi organizado em várias alíneas a desenvolver explicando todo o enquadramento teórico e processo realizado para a construção do mesmo, foi feita a divisão em quatro capítulos nos quais irei contextualizar as opções (teóricas e metodológicas) tomadas para cada um deles. No capítulo I, *os marcos da formação* de educação musical é a palavra chave para todo o caminho que foi contruído no qual, dividi esse capítulo em dois pontos importantes, a formação inicial e a prática profissional, fazendo um enquadramento teórico de todas as dificuldades, transformações e como deve ser um professor durante a gestão da sua carreira profissional sendo a “profissionalidade um conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de *ser professor*” (Nóvoa, 1995). Este primeiro tópico foi realizado com todo o enquadramento teórico aprendido ao longo do ano sendo que no último ponto retrata de uma apreciação mais pessoal dos conhecimentos fundamentais de um professor de educação musical deve ter para a gestão da sua carreira. A profissão de professor debate-se com vários paradigmas onde os professores acreditam que são feitos para a profissão, onde se debatem com a questão da vocação, se são ou não vocacionados para lecionar. A iniciação à prática profissional é, “o tempo para experimentar aprendizagens (*saber-fazer*), aplicar e desenvolver conhecimentos (*saber*), estabelecer relações interpessoais inerentes ao desenvolvimento profissional (*saber-ser, saber-estar, saber-conviver*)” (Miranda & Carvalho, 2016, p. 67-68). O segundo capítulo (*Caracterização do Contexto de Intervenção*) está centrado o contexto de intervenção e dos documentos organizadores do processo de ensino e aprendizagem. Como foi o primeiro trabalho do relatório a ser realizado sofrendo algumas alterações durante o ano letivo, este capítulo para além do contexto interventivo aborda os documentos organizadores que foram utilizados para o ensino de aprendizagem, nos quais estão inseridos todos os planos de trabalho como planificações e conteúdos fundamentais para a metodologia articulando com o perfil dos alunos e o documento de aprendizagens essenciais de modo, a enquadrar os domínios/organizadores comuns a toda a prática educativa.

Todo o desenvolvimento da aprendizagem profissional está vertido no terceiro capítulo (*O Desenvolvimento da Aprendizagem Profissional*). Nele podem ser visualizados todos os procedimentos e materiais utilizados em sala de aula. No meu caso em concreto, o uso das

tecnologias digitais e o seu papel no processo de ensino e aprendizagem na sala de aula de Educação Musical. É feito um enquadramento teórico da preparação necessária de um professor e dos objetivos a delinear para o desenvolvimento do processo. Neste capítulo foi mencionado o projeto realizado sobre o *Software “Polysphone”*, para o desenvolvimento deste projeto os professores estagiários contextualizaram a atividade que é baseada na criação e execução de sons em mapas distintos (Paynter, 1970, 1992), sendo que a cada lugar são associados sons característicos, sons provocados ou qualquer tipo de sonoridades. Foram formados quatro grupos sendo pedido que os alunos fizessem o seu próprio mapa de trabalho que continha o nome do grupo, os quatro lugares a realizar a atividade, a escolha de quatro sons naturais ou provocados e numa fase final, o desenho de cada grupo sobre a sua interpretação dos locais onde gravaram os sons pretendidos. Todo este processo era orientado pelos professores e registado pelos alunos, sendo entregue uma ficha de trabalho para que o processo fosse realizado por objetivos. Na fase final, os professores recolheram todos os dados registados e realizaram todos o processo com os alunos inerente à atividade, chegando em primeiro ao grande grupo e numa fase mais avançada a cada aluno individualmente.

No capítulo IV (*Reflexão sobre as competências profissionais*), é realizada uma reflexão final sobre a prática profissional de um docente, observando o que não foi realizado neste ano letivo e a opinião pessoal sobre a carreira de um professor no ponto de vista de quem está a começar o seu caminho pela vertente da educação musical.

“*Quem eu sou?*”, chegando ao fim deste estágio podemos definir que a profissão de professor é uma vocação que leva uma vida de construção diária, mas com este trabalho podemos afirmar quais as ferramentas que necessitamos para nos tornarmos professores e que farão falta para o sucesso da nossa profissão, assim desenvolvemos o quarto e último capítulo deste trabalho que é uma reflexão sobre as competências profissionais.

Em suma, o processo teórico/prático do meu percurso pedagógico, fui adquirindo ferramentas na gestão das turmas compreendendo as dificuldades e dúvidas criadas ao longo das aulas, juntamente com eles criamos um pensamento crítico sobre as práticas desenvolvidas por eles.

Ambos os intervenientes na sala de aula, devem manter um ambiente motivador de modo que o professor conduza os alunos ao sucesso dos conhecimentos pretendidos. Dando por terminado toda esta prática pedagógica, concluo que a profissão de um professor de educação musical é um processo de evolução “sem fim à vista” devido à sua transformação constante proporcionado às formações e todos os seus processos evolutivos.

CAPÍTULO I
SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO MUSICAL

1. Os marcos da formação

1.1 a formação inicial

A formação inicial de professores é entendida como o “início, institucionalmente enquadrado e formal, de um processo de preparação e desenvolvimento da pessoa, em ordem ao desempenho e realização profissional numa escola ao serviço de uma sociedade historicamente situada” (Estrela, 2002, p.18). Este período deve proporcionar aos formandos, futuros professores, conhecimentos, métodos, técnicas e competências adequadas ao exercício das funções de professor. Neste particular, Miranda e Carvalho (2016) consideram esta etapa como elemento fundamental na construção das “dimensões constitutivas da profissão docente e com o referencial de competências profissionais que irá desenvolver durante a sua formação e ao longo do seu trajeto laboral” (p.65). Facultar aos futuros professores aspetos ou solicitações para que estes se questionem sobre “o modo como se veem enquanto professores e o tipo de professores que desejam ser” (Flores, 2012, p.107), sobre a elaboração de projetos e a construção de competências suportadas pelo domínio da investigação e da pesquisa são alguns dos objetivos da formação inicial. Acrescenta a autora que será uma fase onde os futuros professores colocam em “causa as crenças e teorias implícitas sobre o ensino e sobre o que significa ser professor” (Flores, 2014, p.229).

A formação inicial oferece aos futuros professores um quadro de referência para construção das suas próprias conceções de *ser professor* (Miranda & Carvalho, 2016), ou seja, a partir deste ponto cada um (re)constrói o seu perfil e traça na sua mente aquilo que idealiza como professor. Um professor é encarado como um profissional que se dedica a ensinar uma arte ou uma ciência (Padilha & Cabral, 2011)¹. É um profissional que se assume como um *facilitador* da aprendizagem, pedagogo, eficaz, organizador do trabalho de grupo e, que para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, integração social e ainda peculiar atenção aos alunos especiais integrados na turma.

Sendo a profissionalidade um “conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de *ser professor*” (Sacristán, 1995, p.65) a formação inicial assume um papel fundamental no desenvolvimento e construção desta profissionalidade. A intervenção pedagógica do professor é influenciada pelo modo como pensa

¹ Padilha, A., & Cabral, P. (2011). *Significados*. Disponível em <https://www.significados.com.br/musica/>

e como age nas diversas facetas da sua vida (Sacristán, 1995, p.65). A profissão de docente é uma semiprofissão, pois depende dos planos de estudos regulados pelo sistema educativo e as condições que as escolas lhes dão. Muitas vezes responsabilizamos os professores por aquilo que se passa nas aulas, mas esquecemo-nos das condições e regras a que estes estão submetidos mesmo antes de começar a desempenhar o seu papel, deixando estes de ter autonomia e tendo de se acomodar às situações reais. “A liberdade do professor exerce-se sobretudo, através da capacidade para se movimentar dentro de um quadro que só pode mudar parcialmente” (Sacristán, 1995, p.72).

Ao longo do tempo as exigências feitas aos professores foram aumentando, tendo estes que assumir cada vez mais responsabilidades. Com o avançar das ciências os conteúdos programáticos também sofrem grandes mudanças. O que faz com que os professores sintam insegurança pois não sabem se os conhecimentos que estão a transmitir aos alunos estão realmente atualizados e se num futuro próximo não serão substituídos por conhecimentos mais uteis. A formação inicial é o primeiro alicerce na construção do percurso profissional do professor, sendo marcada por todas as aprendizagens e experiências profissionais vividas, apercebendo-nos assim do que é *ser professor* (Flores, 2014, 2015; Miranda & Carvalho, 2016).

1.2 A iniciação à prática profissional

O primeiro contacto com a profissão de docente dá-se durante os estágios curriculares. Para Carvalho (2017), a iniciação à prática profissional é um “tempo e espaço onde os estudantes têm oportunidade de imergir na futura profissão, desenvolvendo a sua profissionalidade docente, observando a articulação entre a teoria e a prática como uma “teoria prática” num contexto real de atividade laboral” (p.93). Este momento permite ao futuro professor o desenvolvimento da sua “inteligência pedagógica, multidimensional e estratégica e a sua capacidade reflexiva e autorreguladora” (Alarção & Roldão, 2008, p.16). É nesta altura que começam a surgir dúvidas vocacionais. Os futuros docentes acreditam que foram feitos para esta profissão, mas ao mesmo tempo começam a duvidar das suas capacidades pedagógicas. Esta iniciação é caracterizada pela variação entre a luta por sobreviver, determinada pelo choque real do que é o ensino e o entusiasmo de estarmos perante a descoberta de um novo mundo ainda que um pouco idealizado. Passando ainda por uma luta pessoal entre o desejo de afirmação e a vontade de abdicar da profissão.

A profissão de professor debate-se com vários paradigmas onde os professores acreditam que são feitos para a profissão, onde se debatem com a questão da vocação, se são ou não vocacionados para lecionar. A iniciação à prática profissional é, “o tempo para experimentar aprendizagens (*saber-fazer*), aplicar e desenvolver conhecimentos (*saber*), estabelecer relações interpessoais inerentes ao desenvolvimento profissional (*saber-ser, saber-estar, saber-conviver*)” (Miranda & Carvalho, 2016, p.67-68).

Como em todas as profissões o início da atividade profissional é um período difícil, pois se por um lado as pessoas estão realizadas por encontrarem o “seu” lugar, sendo isto um reconhecimento do valor da participação pessoal no universo do trabalho, por outro, o meio onde cada profissional se insere poucas, ou mesmo raras vezes correspondem àquilo que se idealiza nas nossas cabeças ao longo dos anos de estudo. Os professores aprendem essencialmente com as práticas do trabalho, com a interação com os outros, quando enfrentam e resolvem situações adversas, “também se aceita que a identidade profissional do professor se afeiçoa num processo de socialização centrado na escola, tanto através da apropriação de valores que regulam a atividade e o desenvolvimento no papel de professor” (Cavaco, 1995, p.162) competências profissionais, como pela interiorização das normas e a grande problemática é que como sempre se reconheceu o valor da apropriação dos saberes profissionais através da experiência, surgem testemunhos como: “Nem me ouvem. Só pouco a pouco vão

vendo o que estou a fazer: não estimulam nada. Que eu ainda hei-de receber uma medalha de cortiça, que as ilusões logo me passam. É tudo negativo (...)" (Cavado, 1995, p163).

É certo que é necessário muito trabalho, dedicação e aprendizagem constante para se *ser professor*. Estes são confrontados com dúvidas em relação à profissão e à sua continuidade. Durante a carreira de docente, debatem-se com a questão se estão na profissão certa. Ser professor é uma profissão de constante dúvida, derivando assim o seu conhecimento da opinião dos colegas e também dos alunos que vão surgindo sendo a escola o (Tejada Fernández, 2006) “espaço que favorece a construção e a consolidação de saberes a partir da vivência dos desafios da profissionalidade docente” (Miranda & Carvalho, 2016, p.74).

A estrutura do desenvolvimento profissional não é apenas no domínio de conhecimentos sobre o ensino, mas também no domínio das relações interpessoais, das atitudes e das competências ligadas ao processo pedagógico. Como afirmou Silva (2000) “terão de mobilizar nas suas práticas não são conhecimentos específicos das disciplinas que lecionam, mas um conjunto de outras competências que concorrem para o sucesso” da prática pedagógica com consequências na construção da identidade, no desenvolvimento e na realização profissional. Nesta linha temos também o pensamento de Zeichner (1992) o qual considera que:

- 1- A anterior visão dominante do *praticum* como uma aprendizagem não mediada e não estruturada, que tem subjacente a ideia de que basta colocar os alunos mestres junto de bons professores para que se obtenham bons resultados.
- 2- A ausência de um currículo explícito para o *praticum* e de uma ligação estreita entre as aprendizagens na universidade e nas escolas.
- 3- A qualidade irregular da supervisão do *praticum* e a falta de preparação formal, quer dos orientadores universitários, quer dos orientadores da escola.
- 4 - O estatuto inferior dos “estudos clínicos” nas instituições terciárias, o que resulta, com frequência, numa exigência de recursos para o *praticum* e num acréscimo de trabalho para os docentes universitários envolvidos na formação clínica de professores.
- 5- A importância secundária concedida nas escolas primárias e secundárias. Habitualmente, as preocupações dos professores centram-se na aprendizagem dos alunos nas salas de aula, e não no processo de aprender a ensinar.
6. A discrepância entre o papel do profissional envolvido numa prática reflexiva, que emite julgamentos e toma decisões sobre o currículo e o ensino, e o papel do professor como técnico que exerce, de forma eficiente, as instruções governamentais e as políticas educativas (p.119).

O bem-estar na profissão de docente vai derivando da mudança social ou de alguns aspetos que se vão alterando ao longo da docência, como o aumento das exigências, inibição educativa, rutura do contexto social sobre a educação, falta de recursos educativos, entre outros. “Esta ação reflexiva permite que o futuro profissional, ao mesmo tempo que aprende, produza conhecimento a partir da sua ação. Tornando-se um profissional reflexivo e inovador (Schon,

1992). Mais do que aprender a ensinar, a aprendizagem profissional é um constante aprender a aprender.” (Miranda & Carvalho, 2016, p.69)

Para que o professor seja transformador do seu próprio desenvolvimento profissional ao longo da carreira, para que a aprendizagem aconteça, há a necessidade de se proporcionarem certas condições na escola, como de tempo e espaço propícios permitam ao professor aceder facilmente à aprendizagem de novas competências.

2. O professor de Educação Musical

2.1 Os saberes

O professor de Educação Musical tem de estar dotado pedagogicamente para uma transmissão de valores fundamentais criando estratégias, organizando e construindo o seu pensamento e conhecimento. Ao longo da sua formação o professor tem disciplinas metodológicas de modo a despertar o seu lado crítico, criando assim, o seu ponto de vista de “como ensinar” fazendo uma ponte entre a teoria e a prática sendo necessário construir com os alunos uma relação que possibilite trocar experiências e conhecimentos, complementando o conceito de professor mediador de modo que ensinar seja também aprender.

Abordando o assunto do conhecimento para o ensino aparecem várias dúvidas relacionada com o tema. Sendo Lee Shulman (1987), um dos autores com mais contributo para o fortalecimento e crescimento da educação ele considera que existem sete “conhecimentos base” para a docência como podemos ver abaixo:

- a. conhecimento do conteúdo;
- b. conhecimento pedagógico geral, com especial referência aos princípios e estratégias mais abrangentes de gerenciamento e organização de sala de aula, que parecem transcender a matéria;
- c. conhecimento do currículo, particularmente dos materiais e programas que servem como “ferramentas do ofício” para os professores;
- d. conhecimento pedagógico do conteúdo, esse amálgama especial de conteúdo e pedagogia que é o terreno exclusivo dos professores, seu meio especial de compreensão profissional;
- e. conhecimento dos alunos e de suas características;
- f. conhecimento de contextos educacionais, desde o funcionamento do grupo ou da sala de aula, passando pela gestão e financiamento dos sistemas educacionais, até as características das comunidades e suas culturas;
- g. conhecimento dos fins, propósitos e valores da educação e de sua base histórica e filosófica.

Shulman (1987) afirma que a reflexão feita na ação e sobre a mesma de que nos fala Schön (2000), transforma-se numa competência importante no exercício da profissão, que irá

servir de base e suporte para proceder em “situações de incerteza, de instabilidade, de singularidade e conflitos de valores” (Martin & Doudin, 1998, p.41).

Segundo Esteves e Rodrigues (2003), o professor é visto como um especialista do ensino e da aprendizagem de um determinado conteúdo, mas como frisado anteriormente nos dias que correm ao papel do professor é dada uma nova conotação no que respeita ao desempenho. Day (2001) apresenta cinco valores fazendo a distinção dos dias de hoje e de como estes valores podem ser vistos num amanhã, organizados por áreas-chave no contexto de liderança da escola (Ver Quadro 1).

Quadro 1
Os valores de hoje e amanhã em cinco áreas-chave

Valores	De hoje	De amanhã
Abertura à participação	Ouve e obedece	Participa ativamente nas discussões e decisões
Abertura à diversidade	Ajusta-se às perspetivas existentes	Valoriza na decisão a reflexão sobre o pensamento de si e dos outros
Abertura ao conflito	Valoriza-se um clima de harmonia de grupo e de felicidade	Valoriza o erro para construir conhecimentos
Abertura à reflexão	Valoriza-se o poder de decisão (decisões firmes)	Valoriza a resolução de conflitos de uma forma saudável conducentes a soluções válidas para assuntos complexos
Abertura aos erros	Valoriza-se a eficiência sem erro	Valoriza as diferentes perspetivas para a tomada de decisões

Nota: Retirado de E. Mesquita (2011). Competências do Professor. Lisboa: Edições Sílabo.

Baseando-nos no quando acima (ver Quadro 1), podemos facilmente entender a que exigência do amanhã está em refletir nos possíveis efeitos que o conservadorismo pode mostrar na evolução de atitude e capacidades, nas casualidades educativas que a evolução oferece aos professores e aos alunos. É iminente que os professores se adaptem aos novos tempos, às novas tecnologias de comunicação e informação, havendo diversidade humana que se verifica hoje em dias nas escolas, para assim construírem os novos saberes e se enquadrarem por completo com os seus alunos.

O professor “não detém o monopólio do saber e novos são os papéis que se quer que ele desempenhe” (Esteves & Rodrigues, 1993, p.41). Nesta perspetiva, Falsarella (2013) refere que

a formação de professores é contínua uma vez que começa na formação inicial e permanece durante toda a sua carreira. Nesse sentido o professor tem de estar sempre atualizado pois a formação é um ciclo que não termina e é sempre constante. Segundo Libâneo (1996), “a escola seria entendida como mediação entre o individual e o social, exercendo uma articulação entre a transmissão de conteúdos e a assimilação por parte dos alunos. O resultado dessa articulação seria um saber criticamente reelaborado. Esse saber reelaborado não significaria apenas a absorção de conteúdos específicos a serem ensinados, mas uma nova relação com a experiência vivida, uma ligação a sua significação humana e social.” Em 1995 Nóvoa defendia que “não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores” (p.9), visto que a formação de professores lhes deve causar uma postura crítico-reflexiva, para assim lhes proporcionar um pensamento autónomo que desperte a autoformação. Bonboir citado por Cró (1998), referia que o século XX foi, provavelmente, o período no qual se aprofundou a pesquisa de forma mais clara, sobre a problemática da formação dos professores de uma forma sistemática. Esta debruçava-se sobre a questão de que os bons professores é que faziam as boas escolas, sendo dada mais importância à arte pedagógica do que à solução científica. Nesta altura já se dava um especial valor a temas como o ensino reflexivo, o prático-reflexivo e a investigação-ação. Estrela (2010) lembrava que em 1973 “Giles Ferry traçou a evolução da profissão docente, referindo-se a três tipos de professores – o professor carismático, o professor técnico e o professor recurso”, (p. 11). Neste encadeamento Estrela (2010) sugere-nos a divisão da profissão docente não em três tipos, mas sim em cinco papéis:

- o professor carismático (remetendo-nos à Idade Média, ligando ao perfil sacerdotal da profissão, que era vista como uma missão, onde pressupunha uma vocação; onde se realçava a disciplina, os conteúdos ensinados e o exemplo do professor, e que a afetividade atenuava a austeridade sem se sobrepor a esta).
- o professor técnico (aquele que deixou de ser visto como uma figura de autoridade, passando assim a “especialista do desenvolvimento do aluno e da organização da aprendizagem” (Estrela, 2010, p.11). Tornou-se uma necessidade recrutar mais professores, quer estes tivessem vocação ou não, dado o insucesso escolar. Havendo necessidade de uma melhoria da formação e do ensino, as escolas procuraram esforçar-se na transmissão de saberes que a família não poderia transmitir e que eram considerados socialmente úteis.

- o professor recurso (destinava-se à promoção da autonomia do aluno, ajudando-o a ser melhor cidadão. Sendo visto como um recurso colocado ao serviço do desenvolvimento e da aprendizagem do aluno. Na relação que se estabelece entre professor e aluno, existiu um crescimento maior de empatia e veracidade, o que levou a uma maior afetividade dentro da escola.
- o professor investigador e o prático reflexivo (apesar de ainda haver professores carismáticos e técnicos, é considerado aquele que centra a sua atividade numa maior autonomia no que respeita à construção dos saberes e na independência em relação aos investigadores universitários, tornando assim o professor em investigador. O professor investigador centrava-se apenas na teoria, descuidando da prática pedagógica, menosprezando o professor prático reflexivo, onde este reflete e investiga, tomando consciência das suas ações éticas e políticas).
- o professor como educador europeu e transnacional é que este fortalece o sentido de identidade europeia dos seus alunos, através de intercâmbios, tanto de alunos como de docentes, e de uma maior inserção na comunidade europeia. Segundo Estrela (2010), é assim que o professor vai solidificando o projeto profissional e vai construindo essa definição de si ao constatar as semelhanças que o unem ao seu grupo profissional e as diferenças que o separam dele.

Hoje em dia “a meta principal das escolas não é o ensino dos conteúdos disciplinares, mas o desenvolvimento das competências” Perrenoud (2001), citado por Guimarães (2014, p.4), por isso os docentes são “obrigados” a serem muito mais do que isso, tendo que assumir vários papéis enquanto educadores, desde o *saber-saber*, que está relacionado com a área que leciona, ao *saber-fazer*, que corresponde à capacidade de saber usar o conhecimento para a resolução de problemas que possam surgir e ainda a de idealizar e criar novas ideias, e ao *saber-ser*, que respeita a obtenção de bons resultados com o que foi elaborado através do conhecimento e da habilidade. O processo de desenvolvimento dos saberes provém de vivências práticas e reflexões de todos os processos musicalmente desenvolvidos do ouvir, executar, criar e reflexão musicalmente falada devendo ser um processo social, caracterizado por um conjunto de práticas educacionais, capaz de questionar cognitivamente ao conteúdo de trabalho em si, questionar numa dimensão prática o trabalho realizado e ser capaz eticamente de questionar os seus valores presentes no material lecionado.

2.2 As competências

No desempenho da profissão de professor existem três fatores fundamentais: o educando, o educador e a relação que se estabelece entre ambos (Martins, 2010). O docente deve ter a capacidade de conseguir desenvolver com os seus alunos uma educação com base na cooperação, por isso é necessário que o professor crie uma boa relação pedagógica com os seus alunos, tal como refere Simancas (1992).

A principal razão de instituir um perfil profissional do professor é um exercício fundamental de metodização de aptidões que o professor deve revelar para “garantir a todos uma boa educação” (Escudero, 2006, p.29). Assim, falar de uma boa educação como um bem social que é necessário garantir a todos, sem exceção, coloca os docentes perante um espaço partilhado de responsabilidades com outros agentes educativos e forças sociais. Benedito e Imbernón (2000), defendem que melhor que definir o docente é necessário, antes, caracterizá-lo tendo por base algumas qualidades globais que os ditos bons professores devem possuir, para além de outras características mais específicas a que a especialização conduz, de acordo com os diferentes níveis de ensino. Os autores referem ainda que uma análise mais detalhada da atividade docente revela que qualquer experiência de ensino e aprendizagem é de natureza complexa, envolve diversos aspetos que lidam com áreas de conhecimento tão diversas como a sociologia, a psicologia, a epistemologia, a biologia, para além de outras mais comumente identificáveis com a função de professor, como a pedagogia e a didática, o conhecimento curricular. Como ponto inicial para o contributo da reflexão sobre as competências profissionais, Cano (2005) refere que é

bom voltar a recordar que o discurso sobre as competências é plural e enganador. Ao abrigo deste termo podemos encontrar propostas muito técnicas e restritivas, e outras como as de Perrenoud, que entendem as competências como aquisições genéricas relacionadas com o perfil de profissional e cidadão, opção que colhe a nossa preferência. (p.24)

Escudero (2006), questiona-se sobre o tipo de professor que é necessário para garantir a todos uma boa educação, refere que só se pode dar uma resposta procurando restringir um espaço intermédio entre dois extremos, a atribuição aos docentes de responsabilidades excessivas e isoladas e desconsiderar ou minimizar o papel dos mesmos. O autor defende ainda que, a partir de uma opção interposta, não se devem depositar mais expectativas e pressões sobre os professores, nem tão pouco descartar as suas responsabilidades com o pretexto da

cultura da incapacidade e do lamento. Conclui, referindo que, “se o propósito de garantir a todos uma boa educação é realmente ambicioso, também há de ser, em consonância, o modelo de professor que pensemos poder desenvolver até à sua realização aceitável” (Escudero, 2006, p.29). Acrescenta que ser necessário definir um marco conceptual para articular as competências docentes, tendo por base o imperativo de garantir uma boa educação para todos, pelo que se deve definir o sentido em que se toma o termo de competência docente. Gimeno (1991, p.74) defende que a competência docente “não é tanto uma técnica composta por uma série de destrezas baseadas em conhecimentos concretos ou na experiência, nem uma simples descoberta pessoal”. O autor refere que o professor não é “um profissional que pode utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos pedagógicos práticos preexistentes” (Gimeno, 1991, p.74). Segundo Perrenoud (1999), as competências referem-se ao domínio prático de um tipo de tarefas e de situações e, neste sentido, os professores podem adquirir e desenvolver nos alunos habilidades essenciais. Posto isto, o autor apresentou dez competências associadas ao ato de ensinar, que passam por organizar e dirigir situações de aprendizagem (planear e executar projetos e atividades didáticas envolvendo os alunos nelas e saber lidar com os obstáculos que se atravessam no caminho), administrar a progressão das aprendizagens (saber identificar a que nível os alunos se encontram e as suas possibilidades de desenvolvimento, além do acompanhamento à sua evolução para conseguir estabelecer objetivos claros a aprendizagem), conceber e fazer evoluir dispositivos de diferenciação (trabalhar com a diversidade, oferecendo o acompanhamento certo aos alunos com maior dificuldade de aprendizagem e desenvolver o trabalho em equipa), envolver os alunos nas suas aprendizagens e no seu próprio trabalho (despertar a vontade de aprendizagem nos alunos, fazê-los sentirem-se integrados nas decisões sobre as aulas e ainda oferecer-lhes atividades opcionais), trabalhar em equipa (elaborar projetos em grupo e com outros professores, trocar experiências e colaborar com outras atividades proporcionadas pela escola), participar na administração da escola (elaborar e irradiar projetos ligados à instituição, além de incentivar os alunos a participarem nessas atividades), informar e envolver os pais (conversar, impulsionar reuniões com frequência e envolver os pais e restante família na construção do saber), utilizar as novas *tecnologias* (conhecer e aprofundar as potencialidades didáticas de diferentes recursos tecnológicos), enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão (lutar contra a discriminação e os preconceitos, acautelar a violência e desenvolver o senso de responsabilidade) e administrar a sua própria formação contínua (criar um programa pessoal de formação contínua e participar em debates com colegas de profissão expondo pontos de vista face à carreira).

CAPÍTULO II
CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA

3. O lugar, as personagens e os materiais

3.1. A escola

A iniciação à prática profissional foi realizada numa escola do ensino básico situada num dos pontos mais altos da cidade de Bragança. Este estabelecimento de ensino iniciou a sua atividade em meados de 1983/1984, sendo uma *escola preparatória* onde era lecionado o segundo ciclo do ensino básico. Nos anos seguintes, a oferta formativa foi alargada para todo o ensino básico e secundário. Como tal, no final do ano de 2003 afirmou a sua verdadeira identidade no meio escolar que perdura até aos dias de hoje. Em 2012, foi criado o agrupamento de escolas sendo uma unidade organizacional dotada de órgãos próprios de administração e gestão dividida em vários estabelecimentos de educação, existindo assim: três escolas de Educação Pré-escolar, cinco de Ensino Básico do 1.º ciclo, uma Escola Básica 2.º ciclo (5.º e 6.º ano) e uma Escola Secundária. Atualmente, na escola onde decorreu a iniciação à prática profissional, está a funcionar o 5.º e 6.º ano do ensino básico. Este estabelecimento de ensino está dividido em quatro blocos nos quais: (1) o pavilhão A, estando destinado para a vertente de Educação Visual e Tecnológica e às Ciências da Natureza; (2) o pavilhão B, contém um auditório com lotação de 100 lugares, biblioteca, sala de professores e ainda algumas salas de aulas; (3) o Pavilhão C, podemos encontrar os serviços administrativos, o refeitório, o bar e as duas salas de música; e, por último, (4) o pavilhão D destinado às aulas de Educação Física e dança.

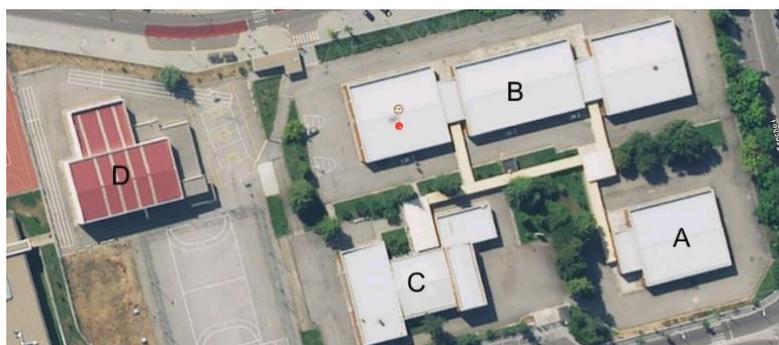


Figura 1 - Identificação por blocos da instituição.

3.2. A turma

A minha intervenção foi realizada em duas turmas do 2.º ciclo do ensino básico, sendo estas de anos de escolaridade diferentes. A turma de 5.º ano era constituída por vinte e um alunos, dos quais, dezasseis eram do sexo feminino e cinco sendo do sexo masculino. A turma do 6.º ano também era constituída por vinte e um alunos, desta vez existindo, doze sendo do sexo masculino e nove do sexo feminino. Como demonstra a figura (ver Figura 2), verifica-se uma predominância do sexo feminino em ambas as turmas.

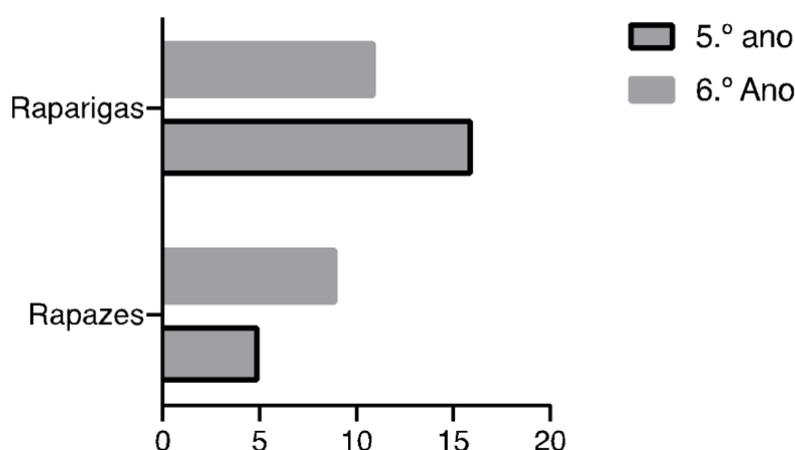


Figura 2 - Elementos femininos e masculinos das turmas.

A faixa etária dos alunos está compreendida entre os dez e onze anos de idade. Estes alunos residem, na maioria, na cidade onde a escola está agregada. É importante referir que para além de alunos de nacionalidade portuguesa, também estão inseridos na turma alunos de etnia cigana. Esta multiculturalidade permitiu um desafio extra neste estágio, principalmente na promoção da autonomia e trabalho colaborativo nas diferentes experiências realizadas. Um dos aspetos positivos, é que se trata de duas turmas que são acompanhadas desde o 1.º ciclo ensino básico em *atividades de enriquecimento curricular* pelo mesmo docente que leciona atualmente a unidade curricular de Educação Musical. O conhecimento prévio dos alunos por parte do orientador, facilitou a minha intervenção na sala de aula. Durante toda a minha presença os alunos de ambas as turmas demonstraram uma postura correta em todas as atividades e experiências desenvolvidas na sala de aula.

3.3. Os espaços e materiais de aprendizagens

Na escola existem duas salas de aula direcionadas para o ensino de Educação Musical, sendo que as duas salas têm um perímetro semelhante estando estas ligadas pela sala de arrumos onde se situam todos os materiais (instrumentos musicais) necessários para a componente prática. A nível de equipamento, ambas as salas de aula são detentoras, para além dos habituais materiais (como cadeiras, mesas e quadro negro) de uma quadro interativo e sistema de som.



Figura 3 - Sala de Música.



Figura 4 - Anexo para arrumar instrumentos.

No que concerne aos materiais didáticos (instrumentos musicais) existentes neste estabelecimento de ensino, podemos dizer que estes são em quantidade e diversidade adequados à prática musical. No Quadro 2 estão presentes alguns dos instrumentos de altura definida e indefinida disponíveis para as duas salas de aula.

Quadro 2
Inventário de instrumentos existentes

Instrumentos de Altura Definida	Instrumentos de Altura Indefinida
Piano	Bateria
Guitarras	Bombo
Baixo elétrico	Clavas
Cavaquinhos	Caixas Chinesas
Xilofones	Ferrinhos
Metalofones	Pratos
Tubos de Notas	Maracas

3.4. Os documentos reguladores do processo de ensino

A minha Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi fundamentada, organizada e planificada através de diferentes documentos fornecidos pelos professores intervenientes no contexto (Supervisor e Orientador Cooperante). O acesso ao plano anual da escola e ao programa definido para o 2.º ciclo do ensino básico permitiram definir uma linha orientadora para a minha PES. De destacar ainda o papel importante que toda a documentação associada ao perfil do aluno e às aprendizagens essenciais assumiram nesta fase. Como tal, as aprendizagens essenciais definidas para o período da minha intervenção foram estruturadas a partir dos domínios da *experimentação e criação, interpretação e comunicação e apropriação e reflexão*.

Assim, foram desenvolvidas experiências de interação entre crianças, de modo ser e pensar abertamente ao mundo atual, relacionando este documento com o perfil do aluno que acaba por ser uma referência de toda a organização do sistema educativo, fazendo a articulação às várias dimensões de desenvolvimento curricular. Foi promovida a interação com o professor, a inclusão a pares e em grupos, havendo sempre um registo de planeamento, ideias e trabalhos procurando sempre soluções para responder às questões diversificadas que iam aparecendo de modo a obter um êxito pessoal e de grupo. Sempre com o cuidado de criar algumas regras para o melhor desenvolvimento do trabalho tendo cada aluno uma responsabilidade acrescida, estando presente um trabalho de rigor em tudo que os alunos fossem apresentando para uma melhor autoavaliação, identificando o seu desenvolvimento pessoal e descrevendo o processo utilizado para a apresentação do produto final.

Como tal, este relatório conjuga o desenvolvimento dos conhecimentos musicais interligada com a tecnologia, de modo a enquadrar os domínios/organizadores comuns a toda a prática artística.

CAPÍTULO III
DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM PROFISSIONAL

4. Entrar, olhar e construir

4.1. O enquadramento

No início da atividade escolar, um professor deve previamente preparar, a partir dos documentos reguladores do processo de ensino de aprendizagem, toda a sua atividade anual. Devendo fazer uma abordagem qualitativa de todo o processo de modo que, o professor seja o principal instrumento de recolha de dados, mantendo maior interesse pelo processo do que pelos resultados (Bogdan e Biklen, 1994).

Na escola onde decorreu o estágio foram fornecidos os horários e as turmas, tratando-se de uma turma de 5.º ano e uma de 6.º ano de escolaridade. Iniciada a ação educativa, o professor estagiário tem de seguir alguns procedimentos básicos para uma melhor compreensão do meio em que está enquadrado, tendo por base teórica o perfil do aluno, onde deve encontrar um ponto de equilíbrio entre os princípios, valores e necessidades de cada um. Só a partir deste trabalho que é realizado pelo docente, se consegue chegar até ao público e partilhar o conhecimento planeado pela planificação anual. Com o decorrer das aulas os alunos devem ser capazes de desenvolver algumas competências a nível pessoal e de autonomia, estabelecendo relações entre os vários conhecimentos e comportamentos gerais entre turma, sendo que, o professor tenha um papel apenas de mediador durante o decorrer da atividade programada pelo mesmo, tendo em conta e sendo capaz de identificar o interesse e as necessidades de cada um, para que consiga que os alunos adquiram novas competências. Ao entrar na sala de aula o docente deve ser capaz de estabelecer objetivos com os alunos, de modo a que eles consigam construir planos e concretizar projetos num grande grupo, que é a turma, de maneira a que desenvolvam o sentido de responsabilidade e autonomia.

Um dos grandes objetivos deste estágio realizado é que os alunos estejam aptos para continuar a sua aprendizagem ao longo da vida, sendo decisivo no desenvolvimento pessoal e da sua intervenção social modo que, sejam capazes de identificar e rejeitar todas as formas de discriminação e de exclusão social, que continuam a ser um tema bastante presente nos dias atuais em que estamos inseridos. A partir da disciplina de Educação Musical estão ao nosso alcance, bastantes recursos que são importantes para conseguirmos chegar até aos alunos e a partir da sua motivação criar uma ligação com o programa preparado para o ano escolar. O professor deve estimular o pensamento crítico do aluno ajudando a desenvolver a sua própria consciência e potencial musical, criando técnicas e materiais formando pequenos novos compositores.

4.2. Os objetivos

Na realização dos objetivos que devem ser atingidos no decorrer dos projetos até ao produto final, foi encontrado um ponto de equilíbrio de modo a conseguir transmitir todos os conhecimentos, como tal foram definidos três pontos organizadores da tecnologia enquanto:

- (1) Elemento motivador no processo de ensino/aprendizagem no contexto de educação musical;
- (2) Veículo potenciador do trabalho colaborativo das relações interpessoais no contexto de sala de aula;
- (3) Enquanto ferramenta didática fundamental na aquisição de conceitos musicais.

Partindo da motivação na aprendizagem musical com recurso também às novas tecnologias. A motivação deve ser observada como uma parte principal no processo de aprendizagem, sendo fundamental encontrar uma coerência entre as reais competências dos alunos e os desafios que o professor apresenta a cada aula. Competências que são mais evidentes se o aluno interagir com os restantes colegas da turma e até mesmo os professores presentes. Como tal, recorri às novas tecnologias como ferramenta pedagógica com o objetivo de os alunos se ensinarem a si próprios, criando competências a partir de *softwares* de gravação como o *Logic e Audacity*. Para além dos conhecimentos que o aluno tem em *smartphones*, o objetivo foi abrir o campo de conhecimento dos alunos, demonstrando assim alguns recursos que os mesmos poderiam utilizar durante o seu percurso académico e mesmo até posteriormente durante a sua vida. Foram promovidas atividades de criação fomentando a experimentação/criação musical, desenvolvendo relações sociais na criação musical dentro de sala de aula, de modo a motivar a música a ter um papel ativo no seu percurso académico e social. Potenciando o trabalho colaborativo tornando uma ferramenta didática importante para a junção dos conhecimentos prévios dos alunos com a aquisição de novos conceitos musicais.

4.3. As estratégias

Na construção do relatório da Prática de Ensino Supervisionada, o estágio curricular é fundamental devido aos inúmeros desafios, importando assim delinear estratégias para melhor ultrapassar a complexidade dos níveis de evolução dos alunos, utilizando as novas tecnologias como ferramenta motivacional.

Sobre a Prática de Ensino Supervisionada juntamente com o meu colega de estágio, foi elaborada uma tabela organizada com todas as aulas previstas como responsabilizador e cooperante até ao final do ano letivo previsto no calendário escolar. As aulas eram realizadas durante a parte da manhã de Quarta-Feira, tendo cada aula uma duração de noventa minutos. No início da prática tivemos uma fase de observação tendo início no dia dezassete de outubro e terminando a sete de novembro de dois mil e dezoito. Sendo esta uma fase de integração com a turma, recolhendo dados importantes para uma melhor organização, tendo em conta a caracterização da turma, comportamento geral, as bases de aprendizagem obtidas até ao momento e o seu contexto social.

Devido à falta da prática musical presente na maior parte dos alunos, com a construção de pequenos grupos de trabalho a relação social seria desenvolvida, mas para haver uma partilha dos conhecimentos mais abrangente foi introduzido o uso de ferramentas tecnológicas que estivessem presentes na vida dos alunos, criando a experimentação e o desenvolvimento musical a nível de notação convencional e não convencional. No 5.º e 6.º ano de escolaridade o trabalho de sala de aula foi dividido em fases de trabalho a desenvolver, sendo a primeira fase uma preparação e partilha de conhecimentos para a construção de um método de trabalho (recolha de dados, metas a cumprir, divisão de tarefas), o tema proposto pelo docente foi “Paisagens Sonoras”, dando total liberdade aos alunos dentro do recinto escolar de recolher sons e dados relevantes para o desenvolvimento das atividades propostas para as várias aulas previstas. Na seguinte fase (criação), os alunos utilizaram todos os elementos recolhidos, sendo o principal objetivo eles serem os próprios compositores, onde foram transmitidos conhecimentos de edição e inúmeras utilizações que ficaram a cargo da imaginação de cada aluno onde o objetivo, haver uma apresentação dos trabalhos delineados e previstos, todas as atividades foram preparadas em pequenos grupos de trabalho.

4.4. A dimensão investigativa da intervenção

O papel interventivo de um professor deriva do contexto histórico, económico e social. Um docente não é um técnico nem um improvisador, mas sim um profissional que usa o seu conhecimento para desenvolver práticas pedagógicas preexistentes (Gimeno Sacristán, 1995, p74)

O desenvolvimento profissional inclui a dinâmica organizacional da escola, como o clima, os papéis e responsabilidades do pessoal que pertence à organização, que leva ao enriquecimento do currículo, podendo passar pela elaboração de projetos curriculares de escola. Um professor deve ser um investigador autónomo sendo responsável pela sua autoaprendizagem estando capaz de iniciar e dirigir por si próprio os processos de aprendizagem e de formação, isto é, complementado nas reflexões que são consideradas estratégias para o seu desenvolvimento profissional estando capazes de conhecer, avaliar e questionar a sua própria prática profissional. Aplicando os seus conhecimentos sobre o modo como as pessoas organizam o seu quotidiano, utilizam aos aspetos mais relevantes para o fazer resultar (Garfinkel citado por Bogdan e Biklen, 1994).

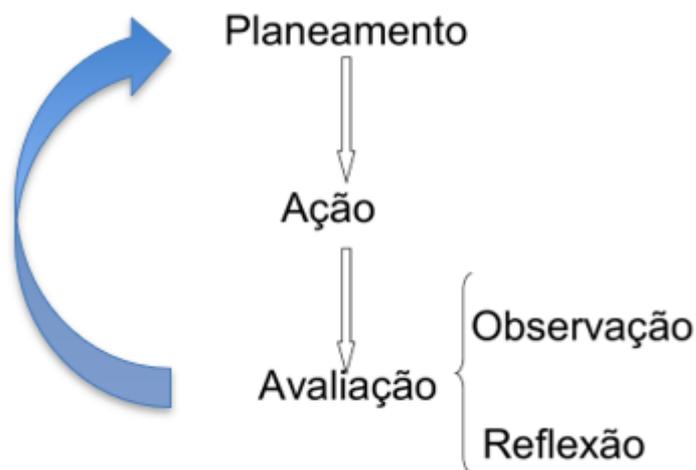


Figura 5 - Planeamento, Ação, Reflexão.

Neste estágio foi desenvolvido um trabalho de investigação de carácter qualitativo, interpretativo e descritivo, valorizando o que cada aluno interpretava, entendendo assim a sua realidade social no contexto inserido. Sobre a dimensão investigativa é importante dizer que o professor é o principal instrumento de recolha de dados, havendo regularmente após a sua prática reflexões que incluem o registo da aula, imagens, textos de apoio e questionários realizados aos alunos durante o processo. Importante realçar a observação participante que permite ao professor partilhar o seu conhecimento e observar as vivências dos alunos na recolha de dados e fenómenos.

5. Conviver, partilhar e crescer

5.1. O Polisphone

O *Polisphone* consiste em compor e fazer música com os sons que estão presentes nas grandes cidades (POLIS), nas florestas ou jardins ou até em nossa casa. O *Polisphone* dispõe de uma forma intuitiva e descomplicada de usar os sons que nós tão bem conhecemos, baseando-se na ideia de um mapa em que através do rato do computador podemos por algumas áreas desse mapa a reproduzir sons. É o despertar do ouvido para todos os sons que estão à nossa volta e com os quais também podemos fazer música, a chamada “paisagem sonora”.

“A “paisagem sonora” é a totalidade dos sons que rodeia uma pessoa ou grupo de pessoas, num determinado local e num determinado momento, tenham eles origem em fontes naturais não biológicas (a geofonia, como o vento, a chuva, a trovoada), em fontes naturais de origem biológica não doméstica (a biofonia, como os pássaros, os grilos, as cigarras, as rãs) e em fontes que se relacionam com a atividade humana (a antropofonia, como o trânsito, as máquinas ou os instrumentos musicais).²



Figura 6 - Paisagem Sonora

Para o desenvolvimento deste projeto os professores estagiários contextualizaram a atividade que é baseada na criação e execução de sons em mapas distintos (Paynter, 1970,

² Retirado de <http://super-sonics.blogspot.com/2014/11/projecto-07-polisphone.html> Consultado no dia: 25 de Setembro de 2019

1992), sendo que a cada lugar são associados sons característicos, sons provocados ou qualquer tipo de sonoridades. Foram formados quatro grupos sendo pedido que os alunos fizessem o seu próprio mapa de trabalho que continha o nome do grupo, os quatros lugares a realizar a atividade, a escolha de quatro sons naturais ou provocados e numa fase final, o desenho de cada grupo sobre a sua interpretação dos locais onde gravaram os sons pretendidos.

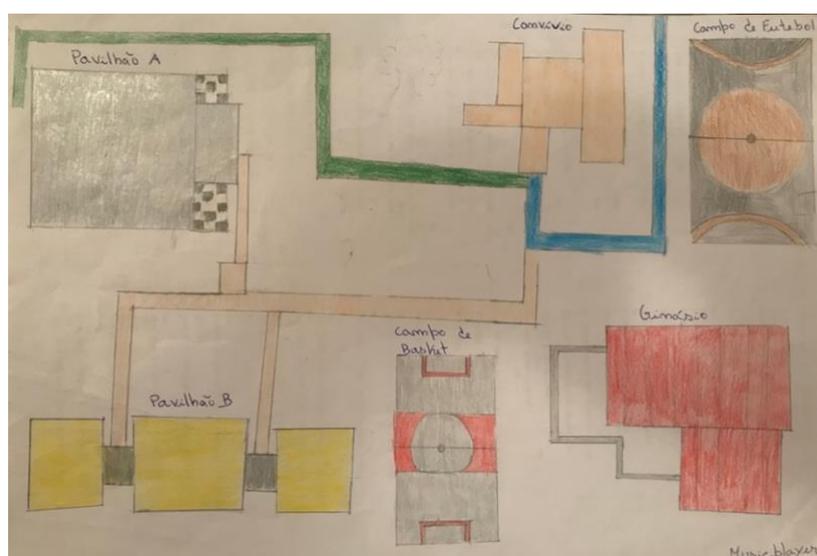


Figura 7 - Mapa de trabalho (exercício de aula)

Foi sugerido aos alunos que dentro de cada lugar iam ouvir sons naturais ou sons provocados por pessoas e desses sons tinham de escolher quatro sons referentes a cada lugar. À medida que os grupos fossem aos lugares, descreviam os sons, fazendo um desenho ilustrativo dos locais e também o trajeto feito até eles através de “traços”. O professor sugere aos alunos que o primeiro local seja a sala de aula, como base inicial, e os outros lugares serão escolhidos por eles como referido anteriormente. Dentro da sala, o docente pede aos alunos para fecharem os olhos para terem apenas o sentido da audição a ajudar, então vai buscar alguns instrumentos e provocando outros sons com percussão corporal e também com a voz (Objetivo 1). Os grupos escreverem no caderno aquilo que ouviram tendo como próximo passo visitar os próximos locais escolhidos pelos alunos, e estes vão recolher alguns sons, escrever no caderno, durante um determinado tempo. No regresso à sala de aula vai ser pedido para desenharem os locais escolhidos, como um desenvolvimento do esboço que traçaram (objetivo 2).

Na parte final deste projeto, realizaram o tratamento dos sons recolhidos e a elaboração de uma ficha de trabalho onde os alunos irão escolher dos vários sons gravados, um som para cada local e o professor fará o tratamento dos mesmos com eles a assistir ao processo. Para

finalizar os alunos irão desenvolver uma ficha de trabalho com algumas questões sobre a atividade, no final da mesma, irão desenvolver uma pequena composição livre em notação não convencional, através de linhas, ascendentes, descendentes, e retilíneas com os quatro sons escolhidos, um para cada local e respeitando dinâmicas, se a linha for a subir é crescendo, se for a descer, decrescendo e se for reta, mantém a mesma intensidade.

O professor recolhe toda a informação que os alunos desenvolveram, vão apresentando os desenhos e os sons, explicando o processo, para o *Polisphone* na aula, primeiro para que chegue ao grande grupo, a turma no geral, e depois a cada grupo isoladamente. O docente chama grupo a grupo e serão estes a manobrar o programa, um por um, colocando os desenhos, os sons e visualizando o resultado final (objetivo 3).

ESCOLA PAULO QUINTELA
 EDUCAÇÃO MUSICAL
 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
 ANO 2018 / 2019
 Folha de Tarefas nº 1

Nome do grupo: Musicplayer

Tarefa 1:
 Elabora um desenho ilustrativo da tua escola em particular, onde foram captados os sons.

Tarefa 2:
 Associa a cada um dos lugares um som. Não te esqueças de justificar as tuas escolhas.

Som 1: Tambor, porque tem um som forte e divertido. → Sala de aula
 Som 2: Carros, porque é um som muito comum. → Perto do campo de Futebol
 Som 3: Faixa, porque as pessoas tem de se deslocar. → Pavilhão A (atrás)
 Som 4: Bola, porque estavam pessoas a jogar numa aula de Educação Física. → Gimésio

Tarefa 3:
 Constrói uma sequência com os sons que escolheste na tarefa anterior. Não te esqueças de justificar as tuas escolhas.

Som 1	▲			▼			▲			▼			▲			▼		
Som 2	▲			▼			▲			▼			▲			▼		
Som 3	▲			▼			▲			▼			▲			▼		
Som 4	▲			▼			▲			▼			▲			▼		

Figura 8 - Ficha de Trabalho (exercício de aula)

5.2. “Pequenos produtores” (*Logic Pro X*)

O *Logic Pro X* é um *software* concebido para criar, editar e misturar sons/música, o mesmo inclui uma vasta coleção de instrumentos virtuais, efeitos e *loops*. Torna-se assim uma ferramenta interessante para trabalhar em sala de aula, a partir dos sons recolhidos dos alunos o professor em pequenos grupos de trabalho cria tarefas e um mapeamento de todo o percurso a efetuar para assim todos terem o mesmo aproveitamento. A partir de sons recolhidos pelos grupos de trabalho, os alunos tiveram a responsabilidade de contruir no software várias pistas que correspondem aos áudios que pretendem editar/misturar. A ideia proposta pelo docente tem como principal objetivo que os intervenientes sejam capazes de aplicar ideias de composição, transformar, misturar e por fim converter as faixas no formato pretendido. O professor criou uma lista com a metodologia a seguir com vários objetivos de forma que chegasse o conteúdo ao grande grupo de trabalho, todos tiveram a oportunidade de ver, aprender e aplicar os conhecimentos. Os sons que foram recolhidos ficaram ao critério dos mesmos, gravaram instrumentos, sons corporais, sons da natureza, entre outras ideias que fossem surgindo durante o decorrer das gravações.

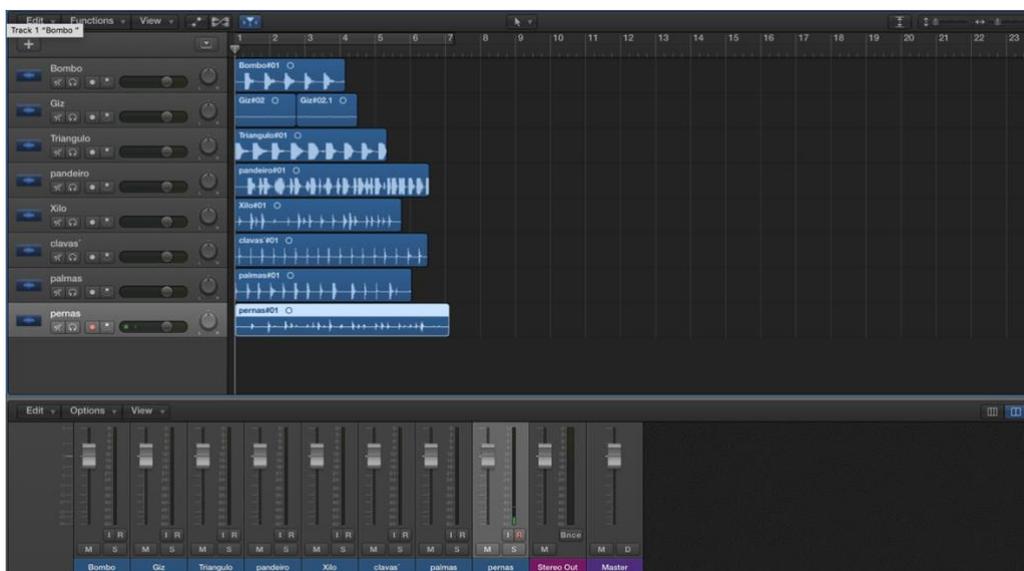


Figura 9 - Projeto Logic Pro X

Na figura 9, podemos observar a plataforma de trabalho de um dos grupos, esta atividade tem como objetivo que todos tenham oportunidade de conhecer algumas possibilidades para gravarem e editarem ideias, composições e outras formas de criar música

(Objetivo 1). Cada grupo tinha o mínimo de oito sons para trabalhar, todas as pistas de áudio tinham de sofrer alterações desde efeitos, dinâmicas, volumes e outras alternativas de modificação.

Na apresentação final cada grupo explicou todo o processo realizado, a maior parte dos grupos adicionou efeitos (*reverb*, *delay*) nos áudios, outros aprofundaram a utilização de *pitch* transformando totalmente as faixas de modo que basicamente quem ouvir o resultado final não vai compreender realmente os sons gravados criando sensações ao ouvinte.



Figura 10 - Processadores de efeitos utilizados no processo

Com a utilização destes *Softwares* de gravação o professor pretende criar ferramentas para que os alunos consigam expressar todo o seu pensamento criativo, transformando totalmente os sons existentes. Para o aperfeiçoamento destas valências, há um árduo trabalho a realizar sendo o professor um mero transmissor de conteúdos, existindo assim inúmeras possibilidades de criação despertando o lado criativo de cada criança onde a partilha deve estar sempre presente, de maneira a enriquecer o trabalho de todos os intervenientes (Objetivo 2).

Os *softwares* de gravação e edição de sons tem um papel didático relevante devido à forte presença da tecnologia na vida dos alunos, a sua junção com os conteúdos previstos para a planificação anual torna uma ferramenta fundamental para a aquisição e aperfeiçoamento musical sendo aplicados conteúdos como ritmo, dinâmicas e timbre.

5.3. Análise reflexiva

No decorrer das minhas aulas de responsabilização, apercebi-me que a maior parte dos alunos não tinham uma ligação regular com a música, sendo a disciplina de Educação Musical o seu único contato. Existem bastantes dificuldades de planeamento, realização da performance, rítmica, pulsação e dinâmicas tornando o trabalho do docente um verdadeiro desafio. Não há métodos perfeitos, sejam eles qualitativos ou quantitativos, o controlo absurdo das variáveis não passa de um ideal inatingível: cada método, em certos aspetos, é mais eficaz que outros e é em relação a um problema particular que um deles pode ser melhor do que outro. (Simões, 1990).

As experiências realizadas com o recurso às novas tecnologias, ajudaram à criação de um processo mais cognitivo na questão da compreensão e pensamento musical, com a criação de pequenos grupos de trabalho transformaram-se competências essenciais com resultados nas relações sociais. A tecnologia é um recurso didático devido aos alunos ensinarem-se a si mesmos, criando oportunidades para desenvolver o seu lado criativo voltando assim para uma pedagogia diferenciada.

Verifica-se um melhor desempenho e concentração por parte dos alunos, ao fim de cada atividade o professor questionava sobre as limitações e dificuldades que iam surgindo, sendo que, entre todos os intervenientes chegamos à conclusão de que quando são criados grupos de trabalho, os alunos conseguem construir mais, promovendo a socialização e as relações na sociedade envolvente. Para a construção do caminho a realizar, foi preciso entender os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao universo da música e à tecnologia, para realizar um trabalho produtivo que relacione os dois temas.

Durante o período de observação e na responsabilização, foram recolhidas informações necessárias para compreender que os alunos não tinham uma ligação direta com a música, nem com a maior parte dos instrumentos musicais. A aula de Educação Musical era o único motivo para que os alunos tivessem oportunidade de poderem criar, tocar e desenvolver o seu talento, sendo que alguns conteúdos e conceitos eram utilizados inadequadamente. No decorrer das aulas de responsabilização, a criação de grupos permitiu uma maior facilidade na transmissão dos conhecimentos criando uma relação social entre ambos os intervenientes.

Estes momentos em grupos tornam os processos de trabalho mais dinâmicos e colaborativos, havendo oportunidade de experimentação e criação construindo novas vivências musicais que despertavam os conhecimentos dos alunos para a sala de aula havendo uma troca

de ideias entre grupos. Ao desenvolver as atividades compreendemos o modo como os alunos, enquanto organizadores do seu quotidiano, utilizam os aspetos mais relevantes deste mesmo quotidiano para o fazer funcionar (Garfinkel, 1994, p.60).



Figura 11 - Criação de partituras não convencionais

Foram aplicados os conteúdos e conceitos musicais trabalhados pelo professor em várias atividades, os alunos no decorrer das apresentações das composições expunham a reflexão do próprio trabalho, dando sentido a todo o processo de criar música. O professor tem de prestar atenção às intervenções, pois estas não devem ser focadas só nos alunos, também devem incluir o docente no decorrer do processo, havendo um equilíbrio à aprendizagem entre professor e aluno.

Considero importante neste processo de evolução o facto de a partilha de experiências ser tão ou mais importante que a composição, apresentação e reflexão do trabalho, permitindo aos alunos aprenderem com o trabalho dos restantes colegas e assim valorizarem e reconhecerem o seu próprio trabalho.

No desenvolvimento do meu trabalho, o elemento que tornou possível uma melhor interação professor/aluno foi a introdução das novas tecnologias, sendo uma ferramenta fundamental para o decorrer de todo o processo de criação musical. Os domínios destas ferramentas desenvolvem a autonomia do aluno, aproximando-o da sua realidade, estimulando a relação com a música e outras áreas artísticas. Destaco neste capítulo três importantes resultados obtidos com a utilização das tecnologias em sala de aula.

Em suma, proporcionar aos alunos o seu desenvolvimento, de forma que o sucesso educativo se estenda a todas as áreas ligadas à educação em geral, nomeadamente a sua autoconfiança, criatividade, reflexão crítica e autoestima.

De acordo com Lemos (1993, p. 197-231) “o aspeto dinâmico de comportamento através do qual se procura compreender o processo de orientação de comportamento para situações e objetos preferidos.” Os vários contatos com o contexto permitiu-me aprender como é importante compreender o desenvolvimento e as várias aprendizagens dos alunos, havendo uma organização de tarefas a realizar ampliando o meu conhecimento sobre as várias pedagogias estudadas. Um fator de maior dificuldade foi na transmissão dos conhecimentos, “conhecer não consiste em copiar o real, mas agir sobre ele e transformá-lo” (Piaget, 1967/2003, p.15), no contexto vivido as planificações das atividades/tarefas a elaborar em sala de aula houve alguma dificuldade em adequar os conteúdos de modo que, a criação de tarefas fosse significativa para os alunos. Um fator importante neste processo foi a capacidade de estabelecer uma boa ligação com os alunos, mantendo o clima de aprendizagem onde a vontade de aprender esteve sempre presente, “compreender as suas motivações para aprender um instrumento musical e a motivação para continuar a tocar apesar dos obstáculos e dificuldades que surgem no estudo e aquisição de competências não só cognitivas como também motoras aquando da prática instrumental” (Hallam, 2002, p. 225-244).

A avaliação demonstra ser um dos pontos mais frágeis devido à sua integração, sendo importante para uma melhor compreensão dos conhecimentos e dificuldades de evolução de cada um dos alunos. A apreciação destes momentos deve ser um instrumento que precisa de contribuir para análise e decisão, obtendo resultados nas quais definam as ações pedagógicas que devem ser tomadas durante o processo de ensino, segundo Luckesi (2011) avaliar a aprendizagem na escola é um meio de tornar a forma de ensinar e aprender produtivas e satisfatória. A avaliação, na minha opinião, deve ser contínua e não no fim do processo, se durante estes momentos avaliativos os alunos não atingirem as metas propostas o professor deve reformular todas as metas de ensino e aprendizagem.

A aprendizagem do aluno é um processo que sofre vários avanços e recuos, tentativas e erros, devendo ser ultrapassadas permitindo ganhar a autoestima dos alunos durante estes momentos. Para que eles aprendam com os erros é necessário ter consciência deles, sendo a avaliação importante para a interpretação, reflexão sobre uma decisão dos processos de ensino e aprendizagem.

Um dos problemas existentes no ensino de aprendizagem é de muitos docentes ainda relacionarem a avaliação como um instrumento de seleção, comparação e classificação (Pinto, 2002), partilhando a opinião que a avaliação está orientada para ajudar o aluno a aprender e o professor a ensinar melhor (Perrenond, 1982), tentando aplicar estes métodos nas minhas práticas obtendo sempre uma resposta positiva por parte dos alunos. Todo este percurso submete à ideia que é necessário uma aprendizagem continua sobre as necessidades dos alunos, contribuindo para o meu desenvolvimento profissional enquanto professor de Educação Musical.

Em suma, ao tentar introduzir a tecnologia de uma forma bem-sucedida na escola, a nova geração de docentes precisa de convencer os professores mais antigos a permitir que os alunos aprendam por si mesmos. Este pensamento trouxe uma certeza e necessidade de reflexão de uma aprendizagem continua sobre os novos métodos de trabalho, também de possíveis novas ideias pedagógicas que contribuam para o sucesso do aluno a chegar as metas pretendidas.

CAPÍTULO IV
REFLEXÃO SOBRE AS COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS

6. “Quem eu sou...?”

Hoje em dia existe um vasto leque de propostas relativas ao perfil profissional do professor, sendo este perfil visto como um conjunto de competências unido e coerente no exercício da profissão de docente, destacando a proposta que Escudero (2006, p.32 e seguintes) que nos faz um resumo que se encaixa opinião construtiva e cultural do profissionalidade de docente, tal como ele próprio refere,

as competências ou standards descritos têm pouco que ver com aquelas listas de condutas derivadas da investigação sobre a eficácia docente enquadrada numa perspetiva de racionalidade técnica, donde não só se oferecia uma imagem da prática decomposta num sem fim de condutas aditivas, como também uma ideia injustificadamente reduzida da atuação docente, dos processos e valores subjacentes à mesma. (Escudero, 2006, p.33)

Na proposta do autor as competências de docente são classificadas como o conjunto de conteúdos e aprendizagem da profissão e tem três pontos muito importantes (Escudero, 2006): (1) *conhecimentos de base*; (2) *capacidades de aplicação do conhecimento*; e (3) *responsabilidades profissionais* (ver Quadro 3).

Quadro 3
Três competências do docente segundo Escudero (2006, p.33)

Conhecimentos Base	Capacidades de Aplicação do Conhecimento	Responsabilidades Profissionais
1. <i>Desenvolvimento e aprendizagem</i> dos alunos e a sua diversidade pessoal, cultural e social. 2. Domínio dos <i>Conteúdos</i> específicos das matérias e áreas, incluindo as suas relações transversais. 3. Conhecimento de <i>Diversas metodologias</i> para facilitar as aprendizagens.	1. <i>Planificação</i> do ensino, tomando decisões fundadas sobre as relações e adequações necessárias entre conteúdos, alunos, currículo e comunidade. 2. <i>Seleção e criação</i> de tarefas significativas para os alunos. 3. <i>Estabelecimento, negociação e manutenção de</i> um clima de convivência na aula que facilite a implicação e o êxito escolar. 4. <i>Criação de oportunidades instrutivas</i> que facilitem o crescimento académico, social e pessoal. 5. Utilização efetiva de <i>estratégias de comunicação verbal e não verbal</i> que estimulem a indagação pessoal e em grupo. 6. Utilização de uma <i>variedade de estratégias instrutivas</i> que ajudem os alunos a pensar criticamente, resolver problemas, e demonstrar habilidades práticas, desenvolver a criatividade. 7. <i>Avaliação</i> e sua integração no ensino e aprendizagem, modificando as atuações que sejam apropriadas ao seguir e conhecer o progresso ou as dificuldades de cada aluno	1. <i>Prática profissional e ética</i> de acordo com critérios deontológicos e compartilhando responsabilidades com os demais professores. 2. <i>Reflexão e aprendizagem contínua</i> (implicando-se em avaliações dos efeitos das suas decisões sobre os alunos e a comunidade, assumindo como norma o seu próprio desenvolvimento profissional). 3. <i>Liderança e colaboração</i> , tomando iniciativas e comprometendo-se com a aprendizagem de todos os alunos e a melhoria progressiva do ensino.

Nota: Retirado de Escudero, J. (2006). La Formación del Profesorado y la Garantía del Derecho a Una Buena Educación para Todos. In J. M. Escudero & A. L. Gómez (Eds.), *La Formación del Profesorado y la Mejora de la Educación* (pp. 21 - 51). Barcelona: OCTAEDRO.

Pegando no primeiro dos três prontos, *os Conhecimentos de Base*, e fazendo a relação com a Prática de Ensino Supervisionada, chego a conclusão que me foi permitido pô-los em prática e torná-los mais sólidos. À medida que fomos desenvolvendo os projetos com os nossos alunos, verificamos que cada um deles tem um “ritmo” de aprendizagem diferente dos outros. É necessário adequar os exercícios à turma e aos alunos que temos, criar formas de conseguirmos ter uma turma igualmente evoluída e motivada, sem existirem alunos que se sente a perder o comboio. Sei depois desta experiência que mesmo que tenhamos consolidados os conhecimentos base, nunca estamos realmente preparados para lecionar nem para os desafios que a docência acarreta, sendo necessário adaptar as diferentes metodologias pedagógicas a cada caso.

O que está disposto no parágrafo anterior por si só já nos dificulta a aplicação do segundo ponto destas competências a *Capacidade de Aplicação do Conhecimento*. A planificação das aulas foi o maior obstáculo neste processo, sem esquecer que temos de seleccionar o tipo de tarefas a realizar para os alunos se sentirem motivados e realizados nas nossas aulas.

Temos também outro ponto bastante importante e que durante a minha prática de ensino supervisionada teve altos e baixos, refiro-me à capacidade de criar um clima de harmonia na sala de aula, criando a ponte entre os alunos e o professor sem nunca se perder o respeito por qualquer uma das partes, pois se queremos que os alunos nos respeitem, essa atitude deve partir de nós, respeitando as suas diferenças culturais e intelectuais. Reconheço que este ponto vai ser sempre uma constante luta, independentemente do meio em que as turmas estejam inseridas e os anos de docência com que já conte na minha carreira.

Por último, e não menos importante, debruçamo-nos sobre a *Responsabilidade Profissional*. Toda esta experiência permitiu-me ter a plena noção da carga de responsabilidade que a profissão de docente acarreta, tendo consciência que nem sempre estive à altura do que me foi proposto.

De um modo geral considero, tal como Escudero (2006), que o mais importante na profissão de docente é proporcionar “uma boa educação” às crianças,

um professor crente no que tem em mãos (fê), com conhecimentos e capacidades necessárias para desempenhar o seu trabalho com eficiência (esperança), disponível para estabelecer determinadas relações pessoais e profissionais com os alunos (amor), comprometido e responsável de criar e sustentar comunidades escolares (colaboração).
(p.35)

7. Tornar-me professor

Olhando para trás depois de um ano de interação com a profissão de docente, sou capaz de afirmar que a caminhada de me tornar professor está só no seu início. Durante a nossa formação somos questionados sobre o valor da vocação, de sermos ou não vocacionados para lecionar sendo difícil traçar um perfil do professor “ideal”, e refletindo sobre tudo que vivi e vi nos últimos tempos não poderia estar mais de acordo. Foi ótimo poder conviver e apreciar as atitudes de cada um daqueles que se cruzou no meu caminho. Cada docente tem o seu próprio perfil e a sua própria ideologia e método de trabalho. Pensamentos diferentes geram atitudes diferentes, e isto só faz com que os alunos e nós professores, possamos desde cedo entender que não existe um modelo de como se deve ser, devemos sim saber aproveitar o melhor de cada pessoa e de cada cultura para assim criarmos um conjunto de características para as tornar na nossa personalidade profissional.

Durante a minha prática de ensino supervisionada existiram vários desafios que não estavam previstos inicialmente, e isto fez com que aprendesse a adaptar-me a novas condições e arranjar soluções para todos os imprevistos que apareceram pelo caminho, sempre com a atenção de não descarrilar dos nossos objetivos.

Com o decorrer dos anos a sociedade vai sofrendo mudanças como tal, o docente tem de acompanhar essa mudança, é importantíssimo que os professores tenham uma formação contínua para que tenham uma aprendizagem constante e evoluam. Tornar-se professor é estar ciente de uma viagem sem fim à vista, a docência de Educação Musical não é fácil devido à constante desvalorização dos colegas de profissão.

Para nos tornarmos bons profissionais a consciência remete-nos aqueles que durante todo o nosso percurso escolar nos marcaram, podendo essas memórias serem de boas ou más recordações. As boas são vistas como exemplos que devemos seguir e lutar sempre nesse caminho, por outro lado as más servem-nos de travão para aquilo que não queremos fazer. Sendo assim considero que o mais importante como docente de Educação Musical é a marca que deixamos nos alunos, é acabar uma aula com o pensamento “Daqui a 10 anos estes alunos vão-se recordar desta aula”, é ter a certeza de que acrescentamos qualquer coisa a cada um deles e que no futuro serão pessoas melhores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I., & Roldão, M. (2008). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional de professores*. Mangualde: Edições Pedagogo, (p. 16).
- Bogdan, R., Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, (pp. 47 – 51).
- Cano, E. (2005). *Cómo Mejorar las Competencias de los Docentes: Guía Para la Autoevaluación y el Desarrollo de las Competencias del Profesorado*. Barcelona: Editorial GRAÓ, (p. 24).
- Carvalho, M. (2017). Formação Inicial de professores: mobilizar conhecimentos, (re)edificar identidade(s). In H. Felício, C. Silva & A. Mariano (Org.), *Dimensões dos Processos Educacionais: Da epistemologia à profissionalidade docente*. Curitiba: Editora CRV, (pp. 105-120).
- Cavaco, M. H. (1995). Ofício do Professor: o tempo e as mudanças. In A. NÓVOA (Org.). *Vida de professores*. Porto: Porto Editora, (p.155-191).
- Day, C. (2001). *Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora, (pp. 113 – 114).
- Esteves, M., & Rodrigues, A. (2003). Tornar-se professor: estudos portugueses recentes. *Investigar em Educação – Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, 2, 15-67.
- Estrela, M. T. (2002b). Modelos de Formação de Professores e seus Pressupostos Conceptuais. *Revista de Educação*, XI (1), 17-29.
- Estrela, M. (2010). *Profissão Docente Dimensões Afectivas e Éticas*. Porto: Areal, (p. 11).
- Flores, M. A. (2012). A formação de professores e a construção da identidade profissional. In A. Veiga Simão, L. Frison & M. Abrahão, *Autorregulação da aprendizagem e narrativas autobiográficas: epistemologia e práticas*. Natal: EDUFRRN, (pp. 93-113).

- Flores, M. A. (2014). Desafios atuais e perspectivas futuras na formação de professores: um olhar internacional. In M. A. Flores, *Formação e desenvolvimento profissional de professores: contributos internacionais*. Coimbra: Edições Almedina, (p. 229).
- Flores, M. A. (2015). Formação docente e identidade profissional: tensões e (des)continuidades. *Educação*, 38(1), 138-140.
- Garfinkel, H. (1994). *Studies in ethnomethodology*. New Jersey, Prentice Hall, (p. 60).
- Gimeno Sacristà, J. (1995). Consciência a ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In A. Nóvoa (Org), *Profissão professor*. Porto Editora, (pp. 65 – 72).
- Guimarães, F. (2014). *Que expectativas para o professor do século XXI?* Porto: Faculdade de letras da Universidade do Porto. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77098/2/33134.pdf>, acessado a 14 de maio de 2018, (p.4).
- Hallam, S. (2002). Musical Motivation: Towards a Model Synthesising the Research. *Music education Research*, 4, 225-244.
- Lemos, M. S. (1993). *A motivação no processo de ensino/aprendizagens, em situação de aula* (Tese de Doutoramento em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto), (pp. 197 – 231).
- Luckesi, C. C. (2011). *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. São Paulo: Cortez, (p.14 – 15).
- Martin, D., & Doudin, P. (1998). Metacognition et formation des enseignants. In L. Lafortune, P. Mongeau & R. Pallascio (Dirs.), *Métacognition et compétences réflexives*. Montreal: Les Editions Logiques, (pp. 23-46).

- Miranda, C., & Carvalho, M. L. (2016). Caçador de Sonhos: (des)construindo a identidade de uma futura profissional. In M.A. Flores & M. Carvalho (Org.), *Formação e aprendizagem profissional de professores: contextos e experiências*. Santo Tirso: De Facto, (pp. 61-76).
- Nóvoa, A. (1992). Nota de Apresentação. In A. Nóvoa (Coord.), *Os Professores e a sua Formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, (pp. 9-12).
- Perrenoud, P. (1999). *Avaliação da excelência à regulamentação das paisagens entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, (pp. 2 – 3).
- Perrenoud, Ph. (2001). Dez novas competências para uma nova profissão. *Pátio Revista Pedagógica*, 17, 08-12.
- Piaget, J. (2003) *Biologia e conhecimento*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, (p. 15).
- Pinto, J. (2002). *A avaliação formal no 1.º ciclo do ensino Básico: uma construção social*. (Tese de Doutoramento; Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho), (p. 838).
- Schon, D. (2000). *Educando o profissional reflexivo. Um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Armed, (p. 256).
- Shulman. L. (1987). Knowledge and teaching: Foundation the new reform. *Harvard Educational Review*, 57(1), 1-22.
- Tejada Fernández, J. (2006). *El practium. Actas de las Jornadas sobre el futuro Grado de Pedagogia*. Barcelona: Edición Técnica Digital, (p. 2).
- Zeichner, K. (1992). Novo caminho para o *practicum*: Uma perspectiva para os anos 90. In A. Nóvoa (Coord.), *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicação Dom Quixote, (pp. 115-158).

ANEXOS

Anexo 1 - Calendário Anual de Intervenção 5º ano



MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO MUSICAL NO ENSINO BÁSICO

Calendário Anual da Intervenção

Disciplina de Educação Musical
Formando – *André Gomes*
2018-2019

Semana	Ciclo	Ano	Nome do Formando	1.º Período		2.º Período		3.º Período	
				Data	Hora	Data	Hora	Data	Hora
1	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (O/R/R)	17 de Outubro	8h30	9 de Janeiro	8h30	24 de Abril	8h30
2	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (O/C/C)	24 de Outubro	8h30	16 de Janeiro	8h30	8 de Maio	8h30
3	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (O/R/R)	31 de Outubro	8h30	23 de Janeiro	8h30	15 de Maio	8h30
4	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (O/C/C)	7 de Novembro	8h30	30 de Janeiro	8h30	22 de Maio	8h30
5	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (C/R/R)	14 de Novembro	8h30	6 de Fevereiro	8h30	29 de Maio	8h30
6	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (R/C/C)	21 de Novembro	8h30	13 de Fevereiro	8h30	5 de Junho	8h30
7	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (C/R/R)	28 de Novembro	8h30	20 de Fevereiro	8h30	12 de Junho	8h30
8	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (R/C/-)	5 de Dezembro	8h30	27 de Fevereiro	8h30		
9	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (C/R/-)	12 de Dezembro	8h30	13 de Março	8h30		
10	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (-/C/-)			20 de Março	8h30		
11	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (-/R/-)			27 de Março	8h30		
12	2.º	5.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (-/C/-)			3 de Abril	8h30		

Nota. A alteração das datas expostas pode ser considerada em circunstâncias excepcionais.

Nota 2. O: Observação; C: Cooperação; R: Responsabilização

Nota 3. (-/#) - : 1.º Período; #: 2.º Período; #: 3.º Período

Anexo 2 - Calendário Anual de Intervenção 6ºano



MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO MUSICAL NO ENSINO BÁSICO

Calendário Anual da Intervenção

Disciplina de Educação Musical
Formando – *André Gomes*
2018-2019

Semana	Ciclo	Ano	Nome do Formando	1.º Período		2.º Período		3.º Período	
				Data	Hora	Data	Hora	Data	Hora
1	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (O/R/R)	17 de Outubro	10h20	9 de Janeiro	10h20	24 de Abril	10h20
2	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (O/C/C)	24 de Outubro	10h20	16 de Janeiro	10h20	8 de Maio	10h20
3	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (O/R/R)	31 de Outubro	10h20	23 de Janeiro	10h20	15 de Maio	10h20
4	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (O/C/C)	7 de Novembro	10h20	30 de Janeiro	10h20	22 de Maio	10h20
5	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (C/R/R)	14 de Novembro	10h20	6 de Fevereiro	10h20	29 de Maio	10h20
6	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (R/C/C)	21 de Novembro	10h20	13 de Fevereiro	10h20	5 de Junho	10h20
7	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (C/R/R)	28 de Novembro	10h20	20 de Fevereiro	10h20	12 de Junho	10h20
8	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (R/C/-)	5 de Dezembro	10h20	27 de Fevereiro	10h20		
9	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (C/R/-)	12 de Dezembro	10h20	13 de Março	10h20		
10	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (-/C/-)			20 de Março	10h20		
11	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (-/R/-)			27 de Março	10h20		
12	2.º	6.º ano	André Alexandre Xavier Gomes (-/C/-)			3 de Abril	10h20		

Nota. A alteração das datas expostas pode ser considerada em circunstâncias excepcionais.

Nota 2. O: Observação; C: Cooperação; R: Responsabilização

Nota 3. (-/*/#) - : 1º Período; *: 2º Período; #: 3º Período

Anexo 3 - Plano de Aula 5º ano “Polisphone”

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 5.º ANO

Plano de Aula “Polisphone”

Datas: 21 e 28 de Novembro e 5 de Dezembro de 2019

Hora: Das 8h30 às 10h

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Paisagens Sonoras.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

1. Ter experiências sonoras e musicais;
2. Fazer reflexões críticas sobre o que é feito;
3. Imaginação de soluções diversificadas para criação de novos ambientes musicais;
4. Manifestação da opinião em relação aos seus trabalhos e também aos de pares;
5. Planear, organizar e apresentar tarefas;
6. Interação com o professor e colegas para atingir o êxito;
7. Utilizar elementos expressivos da música;
8. Rigor no respeito das regras, na comunicação e na colaboração com os outros;
9. Identificar pontos fortes das aprendizagens, mobilizar opiniões e críticas.

Conteúdo(s):

Paisagens Sonoras através do programa *Polisphone* (ver anexo 1):

1. Novas tecnologias;
2. Contextualização da atividade;
3. Identificação sonora e tímbrica;
4. Atividades práticas e experimentação.

Procedimento Metodológico:

- Primeira aula

Numa fase inicial os professores estagiários vão contextualizar a atividade e as tarefas a desenvolver para que os alunos tenham uma perceção do projeto que se irá realizar. Os professores vão falar sobre a função do programa em si, que é baseado na criação e execução de sons em mapas distintos (Paynter, 1970, 1992), isto é, a cada lugar associar sons característicos dos mesmos, sons provocados ou qualquer tipo de sonoridades.

Então os professores vão dizer aos alunos para formar quatro grupos, criarem um nome para os mesmos e pedir para escolherem quatro lugares antes de sair da sala de aula, dentro do recinto escolar (ver anexo 2). Os professores estagiários também vão dizer aos alunos que dentro de cada lugar vão ouvir sons naturais ou sons provocados por pessoas e desses sons vão escolher quatro sons referentes a cada lugar. Por fim, os professores dizem aos alunos para que à medida que forem aos lugares, irem escrevendo sons, fazendo um desenho ilustrativo dos locais e também o trajeto feito até eles, através de “traços” (---). O outro professor estagiário estará sempre perto dos alunos a gravar os sons com o computador. Vamos sugerir aos alunos que o primeiro local seja a sala de aula, como base inicial, e os outros lugares serão escolhidos por eles como referido anteriormente. Dentro da sala, o professor estagiário vai pedir aos alunos para fecharem os olhos para terem apenas o sentido da audição a ajudar, então vai buscar alguns instrumentos e vai provocar outros sons com percussão corporal e também com a voz. Depois disso o professor estagiário dá um tempo para os alunos escreverem no caderno aquilo que ouviram. Depois disso, iremos aos próximos locais escolhidos pelos alunos e estes vão recolher alguns sons, escrever no caderno, durante um determinado tempo. No regresso à sala de aula vai ser pedido aos alunos para desenharem os locais escolhidos, como um desenvolvimento do esboço que traçaram.

- Segunda aula

Nesta fase seria essencialmente para o tratamento dos sons recolhidos pelos alunos e a elaboração de uma ficha de trabalho (ver anexo 3). Os alunos irão escolher, dos vários sons gravados, um som para cada local e os professores irão fazer o tratamento dos mesmos com eles à assistir ao processo. Para finalizar os alunos irão desenvolver uma ficha de trabalho com algumas questões sobre a atividade, no final da mesma, irão desenvolver uma pequena composição livre em notação não convencional, através de linhas, ascendentes, descendentes, e retilíneas com os quatros sons escolhidos, um para cada local e respeitando dinâmicas, se a linha for a subir é crescendo, se for a descer, decrescendo e se for recta, mantém a mesma intensidade.

- Terceira aula

Na fase final do projeto, os professores recolhem toda a informação que os alunos desenvolveram, vão passar os desenhos e os sons, explicando o processo, para o *Polisphone* na aula, primeiro para que chegue ao grande grupo, a turma no geral, e depois a cada grupo isoladamente. Depois um dos professores estagiários vai chamar grupo a grupo e serão estes a manobrar o programa, um por um, colocando os desenhos, os sons e visualizando o resultado final.

Recursos:

Humanos:

1. Professores;
2. Alunos;

Materiais:

1. Computador;
2. Quadro de giz;
3. Quadro interativo;
4. Colunas;
5. Flauta;
6. Piano;
7. Guitarra;
8. Pratos de bateria;
9. Xilofones e metalofones;
10. Clavas, blocos de dois sons, tamborins, pandeiretas.

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.

Observação das interações e dinâmicas individuais.

Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Lopes, F. C. M. (n.d.). POLISphone: Creating and performing with a flexible soundmap. Retrieved from

https://www.researchgate.net/publication/283504738_POLISphone_Creating_and_performing_with_a_flexible_soundmap

Paynter, J. (1970). Sound and Silence: Classroom Projects in Creative Music (Resources of Music). Cambridge: Cambridge University Press.

Paynter, J. (1992). Sound & structure. Cambridge: Cambridge University Press.

Observações:

Anexos:

Anexo 1: Imagem de demonstração do programa *Polisphone*



Anexo 2: Foto de satélite da escola



Anexo 3: Ficha de trabalho

Anexo 4 - Plano de Aula 5º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 5.º ANO

Plano de Aula nº4

Datas: 23 de Janeiro de 2019

Hora: Das 8h30 às 10h

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Frase e motivo musical.
Atividades práticas.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

10. Ter experiências sonoras e musicais;
11. Fazer reflexões críticas sobre o que é feito;
12. Imaginação de soluções diversificadas;
13. Manifestação da opinião em relação aos seus trabalhos e também aos de pares;
14. Planear, organizar e apresentar tarefas;
15. Interação com o professor e colegas para atingir o êxito;
16. Utilizar elementos expressivos da música;
17. Rigor no respeito das regras, na comunicação e na colaboração com os outros;
18. Identificar pontos fortes das aprendizagens, mobilizar opiniões e críticas.

Conteúdo(s):

Frase e motivo musical.

5. Contextualização da atividade;
6. Identificação sonora e tímbrica;
7. Atividades práticas e experimentação.

Procedimento Metodológico:

O professor faz uma introdução teórica sobre os conteúdos necessários para a atividade, entrega instrumentos de altura definida (xilofones e metalofones) pelos os alunos no qual não havendo instrumentos para todos pedindo que quem não tivesse instrumento faria a atividade à vez com o colega do lado. O docente toca uma pequena frase musical pedindo que cada aluno repetisse e acrescentasse outra frase de modo que no final todos conseguissem repetir e acrescentar algo ao que se tinha proposto realizar.

A turma é dividida em grupos e é proposto cada grupo criar a sua própria composição tendo como exigência uma frase e um motivo, cada grupo tinha de criar e apresentar em anotação musical o conteúdo final à turma de modo que a turma interpretasse o que os colegas tinham composto e assim sucessivamente.

Recursos:

Humanos:

3. Professores;
4. Alunos;

Materiais:

11. Computador;
12. Quadro de giz;
13. Quadro interativo;
14. Colunas;
15. Flauta;
16. Piano;
17. Guitarra;
18. Pratos de bateria;
19. Xilofones e metalofones;
20. Clavas, blocos de dois sons, tamborins, pandeiretas.

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.
Observação das interações e dinâmicas individuais.
Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Observações:

Anexos:

Anexo 5 - Plano de Aula 5º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 5.º ANO

Plano de Aula n.º 5

Data: 6 de Fevereiro de 2019

Hora: Das 08h30 às 10h

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Ritmos Pontuados.
Música eletrónica.
Atividades práticas.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

1. Ter experiências sonoras e musicais
2. Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música;
3. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
4. Compor peças musicais com diversos propósitos;
5. Ser consciente e progressivo na técnica vocal.

Conteúdo(s):

Ritmos Pontuados num compasso

ternário. Ligadura de Prolongação.

Instrumentos Elétricos e Eletrónicos.

Procedimento Metodológico:

O professor faz uma breve introdução ao compasso ternário, sendo que cada compasso é constituído por três pulsações, fazendo ligação à ligadura de prolongação. Usa a mínima com ponto para simplificar o processo, explicando que cada mínima com ponto corresponde a três pulsações, cria um breve exercício rítmico improvisado pelos alunos de modo a despertar o seu pensamento sobre o assunto tratado de modo, a que eles consigam percutir num instrumento de altura indefinida esta primeira fase, dando continuidade, o professor coloca um exercício programado para os alunos tocarem na flauta e no xilofone contento todos os conteúdos falados até ao momento.

No momento que os alunos dominem o pretendido, o docente introduz o último tema relacionado com a música eletrónica, explicando a diferença dos instrumentos elétricos e os instrumentos eletrónicos, com recurso a vídeos demonstra vários exemplos que numa fase final com apoio de um programa de produção, o aluno tem de criar uma música eletrónica e compreender todo o processo necessário.

Recursos:

Humanos:

1. Professores;
2. Alunos;

Materiais:

1. Computador;
2. Quadro interativo;
3. Colunas;
4. Quadro;
5. Sintetizador;
6. Flauta de bisel;
7. Xilofones
8. Guitarra

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo. Observação das interações e dinâmicas individuais.

Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Drumeo, (n.d.). Electronic Drum Solo – Roland TD-30KV Retrived from:

<https://www.youtube.com/watch?v=AD9x5ttCMzI> Ramirez, B. (n.d.) BB King Solo de Guitarra de Blues.mpg

Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=6CnNCRD97Kw> Kom, J. (n.d) Marcus Miller – Jean Pierre

Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=G7Q8Ual3coM>

Mitzrael (n.d) Rick Wakeman´s Piano Solo Retrived from:

<https://www.youtube.com/watch?v=05k8DgEXZXM> Illéyi, K. (n.d.) Katica Illényi – Theremin

Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=IY7sXKGZl2w>

Observações:

Anexos:

Anexo 1:



Anexo 6 - Plano de Aula 5º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 5.º ANO

Plano de Aula n.º 6

Data: 20 de Fevereiro de 2019

Hora: Das 08h30 às 10h

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Elementos Repetitivos.
Ligadura de Expressão e prolongação.
Eletrónica.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

19. Ter experiências sonoras e musicais
20. Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música;
21. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
22. Compor peças musicais com diversos propósitos;
23. Ser consciente e progressivo na técnica vocal.

Conteúdo(s):

Forma: Elementos repetitivos

Ligadura de Expressão e Prolongação

Instrumentos eletrónicos e elétricos.

Procedimento Metodológico:

O professor dá início da lição com a exposição da Forma que é a organização da música com uma sequência de vários elementos melódicos ou rítmicos, onde respetivamente se designam por elementos repetitivos e elementos contrastantes. Coloca no quadro um arranjo da música: “Sunday bloody Sunday” dos U2 para demonstrar os conteúdos falados até ao momento. Criando um debate com a turma sobre a forma que está escrito o arranjo, fazendo os alunos tentar explicar o que seria as ligaduras na partitura que correspondem ao conteúdo seguinte sobre Ligaduras de Expressão e Prolongação.

O docente divide a turma em 4 grupos distintos, o primeiro grupo canta a melodia, o segundo toca a melodia na flauta, o terceiro faz um bordão no xilofone e o quarto grupo marca a pulsação nas claves.

O último conteúdo previsto para a aula é a relação dos alunos com a música eletrónica, fazer uma breve explicação da diferença entre instrumentos elétricos e eletrónicos, com o suporte de vários exemplos de vídeos demonstrar a variedade de exemplos de instrumentos e música eletrónica.

Recursos:

Humanos:

5. Professores;
6. Alunos;

Materiais:

21. Computador;
22. Quadro interativo;
23. Colunas;
24. Quadro;
25. Sintetizador;
26. Flauta de bisel;
27. Xilofones
28. Guitarra

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.
Observação das interações e dinâmicas individuais.
Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Drumeo, (n.d.). Electronic Drum Solo – Roland TD-30KV Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=AD9x5ttCMzI>
Ramirez, B (n.d.) BB King Solo de Guitarra de Blues. Mpg Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=MpRIYi721WE>
Kom, J (n.d.) Marcus Miller – Jean Pierre Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=G7Q8Ua13coM>
Mitzrael (n.d.) Rick Wekman´s Piano Solo Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=05k8DgEXZXM>
Illéyi, K (n.d.) Katica Illényi – Theremin Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=IY7sXKGZ12w>

Observações:

Anexos:

Anexo 1:

The musical score is written for three parts: Voice, Xylophone (Xyl.), and Claves. It is in 4/4 time. The first system shows the beginning of the piece. The second system starts at measure 5. The third system starts at measure 9 and includes the lyrics 'Sun-day bloo-dy sun - day'. The Claves part provides a steady rhythmic accompaniment throughout the piece.

Anexo 7 - Plano de Aula 5º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 5.º ANO

Plano de Aula n.º 7

Data: 13 de Março de 2019

Hora: Das 08h30 às 10h

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Os sons dos instrumentos.
Atividades Práticas.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

24. Ter experiências sonoras e musicais
25. Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música;
26. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
27. Compor peças musicais com diversos propósitos;
28. Ser consciente e progressivo na técnica vocal.

Conteúdo(s):

Audição e identificação de instrumentos.

Prática vocal de uma música em grupo.

Procedimento Metodológico:

O professor divide a turma em quatro grupos e distribui uma folha com vários instrumentos, os alunos identificam cada instrumento e auditivamente tentam relacionar o som com a imagem que corresponde corretamente ao pretendido. O docente mostra um instrumento em aula que o aluno não tem contacto (concertina) fazendo uma breve apresentação e performance do mesmo, lança debate na turma e cria a oportunidade de todos poderem ter contacto com o instrumento.

Na última parte da aula, o professor cria um pequeno coro e ensina aos alunos uma canção atual (shallow – Lady Gaga) de modo a que todos se mantenham motivados, divide a turma entre rapazes e raparigas e acompanha o coro no piano.

Recursos:

Humanos:

7. Professores;
8. Alunos;

Materiais:

29. Computador;
30. Quadro interativo;
31. Colunas;
32. Quadro;
33. Sintetizador;
34. Flauta de bisel;
35. Xilofones
36. Guitarra

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.

Observação das interações e dinâmicas individuais.

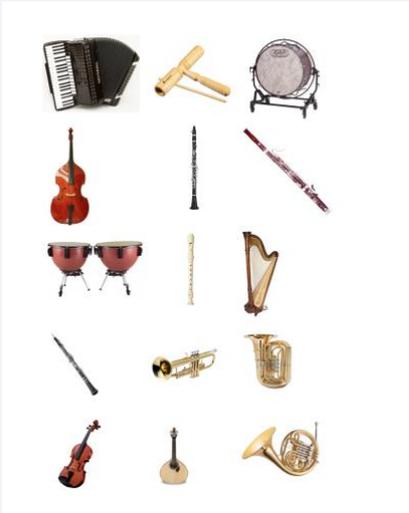
Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Observações:

Anexos:

Anexo 1:



Anexo 2:

(Meinies)
Tell me something, girl
Are you happy in this modern world
Or do you need more
Is there something else
You're searching for
I'm fal__ling
In all the good times
I find myself longing
For change
And in the bad times I fear myself

(Meinies)
Tell me something, boy
Aren't you tired trying
To fill that void
Or do you need more
Ain't it hard keeping it so hardcore
I'm fal__ling
In all the good times
I find myself longing
For change
And in the bad times I fear myself
(Meinies today)

Anexo 8 - Plano de Aula 5º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 5.º ANO

Plano de Aula n.º 9

Data: 24 de Abril de 2019

Hora: Das 08h30 às 10h

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Interpretação de um arranjo musical.
Atividades Práticas.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

29. Ter experiências sonoras e musicais
30. Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música;
31. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
32. Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e géneros musicais diversificados.

Conteúdo(s):

Interpretação em grupo de um arranjo da música The lazy song – Bruno Mars

Prática instrumental de uma música em grupo.

Procedimento Metodológico:

O professor divide a turma em cinco naipes: Flauta, Xilofone, Pandeiro, Triângulo e Clavas, apresentando o arranjo que criou do tema de Bruno Mars – The Lazy song.

O docente organiza os naipes e individualmente e começa a fazer leitura musical com os alunos de modo a que eles sejam eficazes no momento da interpretação.

Vai juntando os vários grupos conseguindo que os alunos toquem em grupo leituras melódicas e harmónicas diferentes.

Numa fase final, o professor coloca o áudio correspondente ao arranjo para os alunos assim acompanharem com o material desenvolvido durante a aula.

Recursos:

Humanos:

9. Professores;
10. Alunos;

Materiais:

37. Computador;
38. Quadro interativo;
39. Colunas;
40. Quadro;
41. Sintetizador;
42. Flauta de bisel;
43. Xilofones
44. Guitarra
45. Clavas
46. Ferrinhos
47. Pandeiros

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.
Observação das interações e dinâmicas individuais.
Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Observações:

Anexos:

Anexo 1:

Musical score for Anexo 1, featuring five staves: Flute, Xylophone, Triangle, Clavas, and Pandeiro. The score is divided into two systems. The first system shows the initial four measures, and the second system, starting at measure 5, shows the continuation of the piece. The Flute and Xylophone parts are mostly rests, while the Triangle, Clavas, and Pandeiro parts have rhythmic notation.

Anexo 2:

Musical score for Anexo 2, titled "The Lazy Song" by Bruno Mars. The score is divided into three systems. The first system shows the initial four measures with staves for Flute, Xylophone, Triangle, Clavas, and Pandeiro. The second system, starting at measure 5, shows the continuation of the piece. The third system, starting at measure 8, shows the continuation of the piece. The Flute and Xylophone parts have melodic lines, while the Triangle, Clavas, and Tamb. parts have rhythmic notation.

Anexo 9 - Plano de Aula 5º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 5.º ANO

Plano de Aula n.º 10

Data: 22 de Maio de 2019

Hora: Das 08h30 às 10h

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Interpretação de um arranjo musical.
Atividades Práticas.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

33. Ter experiências sonoras e musicais
34. Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música;
35. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
36. Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e géneros musicais diversificados.

Conteúdo(s):

Interpretação em grupo de um arranjo da música Calema – A nossa vez

Prática instrumental de uma música em grupo.

Procedimento Metodológico:

O professor divide a turma em cinco naipes: Voz, Xilofone, Pandeiro, Bombo e Clavas, apresentando o arranjo que criou do tema de Calema – A nossa vez.

O docente organiza os naipes e individualmente e começa a fazer leitura musical com os alunos de modo a que eles sejam eficazes no momento da interpretação.

Vai juntando os vários grupos conseguindo que os alunos toquem em grupo leituras melódicas e harmónicas diferentes, depois de os alunos dominarem a base musical, introduz a letra da canção. Torna a aula didática mantendo os alunos interessados de modo a que experimentem os vários naipes.

Os alunos preparam uma pequena apresentação, onde o professor grava o projeto num software de gravação, estando a base melódica e harmónica gravada, os alunos cantam a música de modo que depois numa fase experimental possam editar no programa a música e aplicar os vários recursos que o professor apresentar.

Recursos:

Humanos:

11. Professores;
12. Alunos;

Materiais:

48. Computador;
49. Quadro interativo;
50. Colunas;
51. Quadro;
52. Sintetizador;
53. Flauta de bisel;
54. Xilofones
55. Guitarra
56. Clavas
57. Ferrinhos

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.
 Observação das interações e dinâmicas individuais.
 Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:**Observações:**

Anexos:

Anexo 1:

Calema - A nossa vez
 Arr: André Gomes

The musical score for 'Calema - A nossa vez' is arranged for a percussion ensemble. It features seven parts: Xylophone (Xyl.), Pandeiro, Claves (Clv.), Bombo (B. D.), Xyl., Tamborim (Tamb.), Claves (Clv.), and Bombo (B. D.). The score is divided into three systems. The first system (measures 1-16) includes parts for Xyl., Pandeiro, Claves, and Bombo. The second system (measures 17-20) includes parts for Xyl., Tamb., Claves, and Bombo. The third system (measures 21-24) includes parts for Xyl., Tamb., Claves, and Bombo. The notation uses various rhythmic symbols and rests to indicate the timing and dynamics for each instrument.

Anexo 2:

Eu quero estar	Quero te levar
Mais próximo do teu olhar,	A onde mais ninguém levou,
E viajar nesse mundo	Onde o ar cheira flores
que só nos teus olhos eu posso ver,	E as flores são espelho de quem eu sou,
Eu quero gritar	Eu quero gritar
Ainda que me falte a voz	Ainda que me falte a voz
Ou te dizer bem baixinho	Aceita agora é a nossa vez,
no ouvido agora é a nossa vez,	E quando acordares
Vou marcar no meu corpo	Eu quero lá estar
a frase mais bela que existe de amor,	E vais perceber
 	que o céu que tu procuras sempre foi teu,
E prometer nos meus beijos	
Que só nos teus beijos	Eu quero estar ao teu lado pra sempre
Eu quero viver,	Relaxa e deixa-me fazer-te sorrir
E quando acordares, eu quero lá estar	É ao teu lado que eu me sinto diferente
E vais perceber que o céu	É ao teu só teu
que tu procuras sempre foi teu	
Eu quero estar ao teu lado pra sempre	
Relaxa e deixa-me fazer-te sorrir	
É ao teu lado que eu me sinto diferente	
É ao teu só teu	

Anexo 10 - Plano de Aula 5º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 5.º ANO

Plano de Aula n.º 12

Data: 5 de Junho de 2019

Hora: Das 08h30 às 10h

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Revisão das aulas anteriores.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

37. Ter experiências sonoras e musicais
38. Fazer reflexões críticas sobre o que é feito;
39. Imaginação de soluções diversificadas;
40. Manifestação da opinião em relação aos seus trabalhos e também aos de pares;
41. Planear, organizar e apresentar tarefas;
42. Interação com o professor e colegas para atingir o êxito;
43. Utilizar elementos expressivos da música;
44. Rigor no respeito das regras, na comunicação e na colaboração com os outros;
Identificar pontos fortes das aprendizagens, mobilizar opiniões e críticas.

Conteúdo(s):

Instrumentos de altura definida e indefinida.

Dinâmicas.

Poluição sonora.

Escala diatónica de Dó maior.

Procedimento Metodológico:

O professor tem como objetivo utilizar uma das últimas aulas planeadas para fazer uma revisão a todos os conteúdos transmitidos ao longo do ano letivo de modo que os alunos tivessem ideia do que aprenderam e do que os espera para o próximo ano letivo na disciplina de educação musical. Tem como início a recapitulação dos instrumentos de altura definida e indefinida, pedindo aos alunos que no quadro escrevessem vários exemplos de ambos os instrumentos, com a ajuda dos instrumentos presentes na aula de altura definida os alunos explicam a definição de Dinâmicas e utilizando-os criam vários exemplos de dinâmicas possíveis e aprendidas em aula. Dando continuidade, o docente questiona os alunos sobre a poluição sonora e as causas e soluções para que tenhamos uma vida saudável sem problemas auditivos que podem ser evitados com todos os cuidados explicados em sala pelo docente, isto é, evitar ouvir música com elevada altura nos auscultadores, evitares locais de muito ruído e a unidade de medida sabendo os dB aconselháveis para uma correta utilização de aparelhos sonoros.

Na parte final do plano criado para a aula, o professor volta a recapitular as escalas e coloca no quadro interativo um exercício prático para os alunos interpretarem na flauta e nos xilofones.

Recursos:

Humanos:

13. Professores;
14. Alunos;

Materiais:

59. Computador;
60. Quadro interativo;
61. Colunas;
62. Quadro;

- 63. Sintetizador;
- 64. Flauta de bisel;
- 65. Xilofones
- 66. Guitarra
- 67. Clavas
- 68. Ferrinhos
- 69. Pandeiros

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.
 Observação das interações e dinâmicas individuais.
 Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Observações:

Anexos:

Anexo 1:

The musical score consists of six staves. The first staff is labeled 'Flute' and contains a sequence of notes: C4, D4, E4, F4, G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4, F4, E4, D4, C4. The second staff is labeled 'Fl.' and starts with a measure number '5'. It contains notes: C4, D4, E4, F4, G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4, F4, E4, D4, C4. The third staff is labeled 'Fl.' and starts with a measure number '9'. It contains notes: C4, D4, E4, F4, G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4, F4, E4, D4, C4. The fourth staff is labeled 'Fl.' and starts with a measure number '13'. It contains notes: C4, D4, E4, F4, G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4, F4, E4, D4, C4. The fifth staff is labeled 'Fl.' and starts with a measure number '17'. It contains notes: C4, D4, E4, F4, G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4, F4, E4, D4, C4. The sixth staff is labeled 'Fl.' and starts with a measure number '23'. It contains notes: C4, D4, E4, F4, G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4, F4, E4, D4, C4.

Anexo 11 - Plano de Aula 6º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 3

Data: 28 de Novembro de 2018

Hora: Das 10h20 às 11h50

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Revisão da aula anterior.
Legato e Staccato
Atividades práticas.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

1. Ter experiências sonoras e musicais
2. Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música;
3. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
4. Compor peças musicais com diversos propósitos;
5. Ser consciente e progressivo na técnica vocal.

Conteúdo(s):

Legato e Staccato

Monorritmia e Polirritmia

Procedimento Metodológico:

O professor dá início com um pequeno resumo da aula anterior, questionando os alunos sobre os conteúdos adquiridos, coloca no quadro interativo um exemplo para os alunos o interpretarem. Aproveitando o interesse imediato dos alunos, o professor vai inserindo os novos conteúdos relacionados com o *Legato* e o *Staccato*, fazendo uma breve introdução teórica criando um momento em que os alunos devem criar a sua própria composição relacionando os objetivos propostos até ao momento, ficando ao critério dos mesmos a escolha dos instrumentos que querem interpretar, que tenham composto para o seu momento avaliativo.

No momento que todos dominarem o conteúdo apresentado, o professor lança o desafio de os alunos criarem grupos para tornar a aula num momento motivador e desafiante de modo que eles tenham a obrigação de fazer uma apresentação com brio para os restantes colegas da turma.

Recursos:

Humanos:

1. Professores;
2. Alunos;

Materiais:

1. Computador;
2. Quadro interativo;
3. Colunas;
4. Quadro;
5. Sintetizador;
6. Flauta de bisel;
7. Xilofones
8. Guitarra

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.
Observação das interações e dinâmicas individuais.
Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Chaos, D. (n.d.). Line Riders – Beethoven´s 5th. Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=vcBn04IyELc>

Observações:

Anexos:

Anexo 1:



The image displays two systems of musical notation on a yellow background. Each system consists of two staves. The top staff in both systems contains a sequence of quarter notes. The bottom staff in the first system contains a sequence of quarter notes, while the second system's bottom staff includes a sequence of quarter notes followed by a double bar line and a fermata. The word "Polirritmia" is written in red text between the two systems of notation.

Anexo 12 - Plano de Aula 6º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 1

Data: 5 de Dezembro de 2018

Hora: Das 10h20 às 11h50

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Continuação da aula anterior.
As tercinas de
semínima e colcheia.
Escalas menores
Atividades práticas.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

1. Ter experiências sonoras e musicais
2. Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas;
3. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
4. Cantar ou tocar um padrão rítmico a solo ou em grupo;
5. Interpretar, através do movimento corporal, contextos musicais contrastantes.

Conteúdo(s):

- As tercinas de semínima e colcheia.
1. Identificação rítmica;
- A escala diatónica de Fá maior:
1. Acidentes no sintetizador;
 2. Entoar a escala;
 3. Identificar uma escala menor/maior.

Procedimento Metodológico:

O professor dá início da aula com a introdução da tercina de colcheia e de semínima, demonstrando exemplos rítmicos no quadro de modo que os alunos comecem a assimilar a divisão rítmica das figuras sentindo a pulsação/ritmo (anexo 1). Uma vez que os alunos começam a dominar ritmicamente o conteúdo dado pelo professor, o mesmo sugere a um voluntário que se desloque ao quadro e crie um ritmo no quadro com a matéria dada para que todos colegas o percutam de modo a que tenham a oportunidade a criar o seu ritmo e o vivencie.

No momento que todos já dominem teoricamente a matéria, o professor introduz um tema na flauta (anexo 2) que contém todos os ritmos falados até ao momento, no caso de alguns que não tenham flauta, o docente usa como recurso, instrumentos de altura indefinida de modo todos terem a oportunidade de intervir no momento prático.

Dando prosseguimento, o professor introduz a escala diatónica menor, explicando no quadro a localização dos tons e meios-tons, com recurso ao piano, demonstra a diferença de sonoridade de uma escala maior e uma escala menor. O professor utilizará as escalas de Lá menor e Ré menor devido a uma delas ter o Si bemol como acidente, havendo assim uma relação com a escala que os alunos aprenderam em aulas anteriores, a sua relativa maior (Fá Maior).

O professor fará uma pequena avaliação aos alunos tocando no piano uma escala, de modo que eles respondam se a mesma é menor ou maior, será um exercício de compreensão melódica e harmónica.

Recursos:

Humanos:

1. Professores;
2. Alunos;

Materiais:

1. Computador;
2. Quadro interativo;
3. Colunas;
4. Quadro;
5. Sintetizador;
6. Flauta de bisel;
7. Bombo
8. Pandeireta

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo. Observação das interações e dinâmicas individuais.
Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Williams, J. (n.d.). John Williams – Star Wars Teme Retrieved from <https://www.youtube.com/watch?v=fI7MI8ZlczE>

Observações:

Anexos:

Anexo 1: Padrão rítmico



Anexo 2: Star wars – John Williams
<https://www.youtube.com/watch?v=fI7MI8ZlczE>

Anexo 13 - Plano de Aula 6º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 5

Data: 6 de Fevereiro de 2019

Hora: Das 10h20 às 11h50

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Tonalidade.
Escala Cromática.
Música Eletrónica.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

6. Ter experiências sonoras e musicais
7. Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música;
8. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
9. Compor peças musicais com diversos propósitos;
10. Ser consciente e progressivo na técnica vocal.

Conteúdo(s):

Tonalidade, as várias tonalidades existentes.
Escala Cromática.
Instrumentos elétricos e eletrónicos.

Procedimento Metodológico:

O professor com a ajuda do piano toca uma música sugerida pelos alunos, os alunos cantam essa música enquanto o professor toca e vai introduzindo algumas transposições para os alunos auditivamente identificarem e compreenderem todo o processo. No quadro escreve as armações de clave para que as crianças compreendam teoricamente o processo desenvolvido até ao momento, introduz no quadro a escala cromática para depois com o suporte de o piano poder reproduzir de modo que os alunos compreendam o processo explicado até ao momento.

No seguimento de todos os conteúdos programados para a aula, o professor faz a exposição do último tema relacionado com a música eletrónica, explicando a diferença dos instrumentos elétricos e dos instrumentos eletrónicos, com o recurso a vídeos demonstra vários exemplos que numa fase final com o apoio de um programa de produção, o aluno tem de criar uma música eletrónica e compreender todo o processo necessário.

Recursos:

Humanos:

3. Professores;
4. Alunos;

Materiais:

9. Computador;
10. Quadro interativo;
11. Colunas;
12. Quadro;
13. Sintetizador;
14. Flauta de bisel;
15. Xilofones
16. Guitarra

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.
Observação das interações e dinâmicas individuais.
Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Drumeo, (n.d.). Electronic Drum Solo – Roland TD-30KV Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=AD9x5ttCMzI>
Ramirez, B (n.d.) BB King Solo de Guitarra de Blues. Mpg Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=MpRIYi721WE>
Kom, J (n.d.) Marcus Miller – Jean Pierre Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=G7Q8Ual3coM>
Mitzrael (n.d.) Rick Wekman´s Piano Solo Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=05k8DgEXZXM>
Illéyi, K (n.d.) Katica Illényi – Theremin Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=IY7sXKGZl2w>

Observações:

Anexos:

Anexo 14 - Plano de Aula 6º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 6

Data: 20 de Fevereiro de 2019

Hora: Das 10h20 às 11h50

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Alternância de compasso.
Exercícios Práticos.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

11. Ter experiências sonoras e musicais
12. Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música;
13. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
14. Compor peças musicais com diversos propósitos;
15. Ser consciente e progressivo na técnica vocal.

Conteúdo(s):

Compassos simples e compassos compostos.

Procedimento Metodológico:

O professor começa a aula com uma breve explicação no quadro sobre a diferença dos compassos simples e compostos, abordando os compassos binários, ternários e quaternários. Pede a cada aluno que se dirija ao quadro e faça um exercício que tenha como objetivo algumas alternâncias de compasso para que os colegas possam percutir ritmicamente. De seguida, com ajuda de balões, cada aluno ouve um excerto de uma música e tem de acompanhar a sua pulsação com o suporte do balão de modo que a dominar o batimento de compasso.

Recursos:

Humanos:

5. Professores;
6. Alunos;

Materiais:

17. Computador;
18. Quadro interativo;
19. Colunas;
20. Quadro;
21. Sintetizador;
22. Flauta de bisel;
23. Xilofones
24. Guitarra

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.
Observação das interações e dinâmicas individuais.
Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Mundi, P. (n.d.) Zangou-se o cravo com a rosa, Cirandinha nº1 Retrived from: <https://www.youtube.com/watch?v=Y80PDO6sgsI>

Observações:

Anexos:

Anexo 15 - Plano de Aula 6º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 7

Data: 13 de Março de 2019

Hora: Das 10h20 às 11h50

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Os sons dos instrumentos.
Atividades Práticas.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

16. Ter experiências sonoras e musicais
17. Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música;
18. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
19. Compor peças musicais com diversos propósitos;
20. Ser consciente e progressivo na técnica vocal.

Conteúdo(s):

Audição e identificação de instrumentos.

Prática vocal de uma música em grupo.

Procedimento Metodológico:

O professor divide a turma em quatro grupos e distribui uma folha com vários instrumentos, os alunos identificam cada instrumento e auditivamente tentam relacionar o som com a imagem que corresponde corretamente ao pretendido. O docente mostra um instrumento em aula que o aluno não tem contacto (concertina) fazendo uma breve apresentação e performance do mesmo, lança debate na turma e cria a oportunidade de todos poderem ter contacto com o instrumento.

Na última parte da aula, o professor cria um pequeno coro e ensina aos alunos uma canção atual (shallow – Lady Gaga) de modo a que todos se mantenham motivados, divide a turma entre rapazes e raparigas e acompanha o coro no piano.

Recursos:

Humanos:

7. Professores;
8. Alunos;

Materiais:

25. Computador;
26. Quadro interativo;
27. Colunas;
28. Quadro;
29. Sintetizador;
30. Flauta de bisel;
31. Xilofones
32. Guitarra

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.

Observação das interações e dinâmicas individuais.

Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

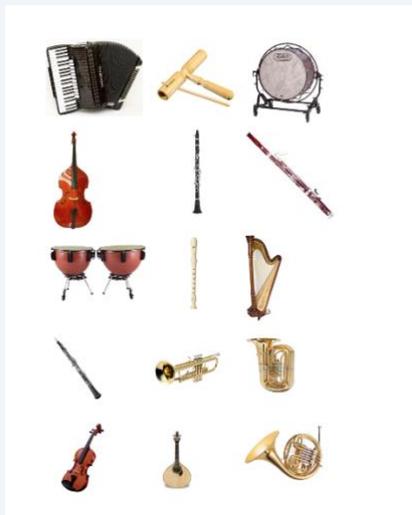
Referências Biográficas:

--

Observações:

Anexos:

Anexo 1:



Anexo 2:

Ohmicos!
Tell me something, girl
Are you happy in this modern world
Or do you need more
Is there something else
You're searching for
I'm fal__ling
In all the good times
I find myself longing
For change
And in the bad times I fear myself

Ohmicos!
Tell me something, boy
Aren't you tired trying
To fill that void
Or do you need more
Ain't it hard keeping it so handsome
I'm fal__ling
In all the good times
I find myself longing
For change
And in the bad times I fear myself
[Refrão todos]

Anexo 16 - Plano de Aula 6º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 9

Data: 24 de Abril de 2019

Hora: Das 10h20 às 11h50

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Interpretação de um arranjo musical.
Atividades Práticas.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

21. Ter experiências sonoras e musicais
22. Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música;
23. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
24. Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e géneros musicais diversificados.

Conteúdo(s):

Interpretação em grupo de um arranjo da música The lazy song – Bruno Mars

Prática instrumental de uma música em grupo.

Procedimento Metodológico:

O professor divide a turma em cinco naipes: Flauta, Xilofone, Pandeiro, Triângulo e Clavas, apresentando o arranjo que criou do tema de Bruno Mars – The Lazy song.

O docente organiza os naipes e individualmente e começa a fazer leitura musical com os alunos de modo a que eles sejam eficazes no momento da interpretação.

Vai juntando os vários grupos conseguindo que os alunos toquem em grupo leituras melódicas e harmónicas diferentes.

Numa fase final, o professor coloca o áudio correspondente ao arranjo para os alunos assim acompanharem com o material desenvolvido durante a aula.

Recursos:

Humanos:

9. Professores;
10. Alunos;

Materiais:

33. Computador;
34. Quadro interativo;
35. Colunas;
36. Quadro;
37. Sintetizador;
38. Flauta de bisel;
39. Xilofones
40. Guitarra
41. Clavas
42. Ferrinhos
43. Pandeiros

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.
Observação das interações e dinâmicas individuais.
Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Observações:

Anexos:

Anexo 1:

Musical score for Anexo 1, featuring five staves: Flute, Xylophone, Triangle, Clavas, and Pandeiro. The score is divided into two systems. The first system shows the initial measures, and the second system, starting at measure 5, shows the continuation of the piece. The Flute part is mostly rests, while the other instruments play rhythmic patterns.

Anexo 2:

Musical score for Anexo 2, titled "The Lazy Song" by Bruno Mars. The score is divided into two systems. The first system shows the initial measures, and the second system, starting at measure 5, shows the continuation of the piece. The score includes staves for Flute, Xylophone, Triangle, Clavas, and Pandeiro. The Flute part is mostly rests, while the other instruments play rhythmic patterns.

Anexo 17 - Plano de Aula 6º ano

2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
ANO 2018 / 2019

ANO DE ESCOLARIDADE: 6.º ANO

Plano de Aula n.º 10

Data: 22 de Maio de 2019

Hora: Das 10h20 às 11h50

Orientador Cooperante: Alcino Barros

Supervisor Institucional da ESEB: Mário Cardoso

Sumário:

Ritmos assimétricos.
Atividades Práticas.

Objetivo(s):

Domínio de referência: Experimentação e Criação, Interpretação e Comunicação e Apropriação e reflexão

25. Ter experiências sonoras e musicais
26. Improvisar peças musicais, combinando e manipulando vários elementos da música;
27. Fazer um padrão rítmico mantendo a pulsação;
28. Comparar características rítmicas, melódicas, harmónicas, dinâmicas, formais, tímbricas e de textura em peças musicais de épocas, estilos e géneros musicais diversificados.

Conteúdo(s):

Ritmos assimétricos.

Arranjo musical da música “Star Wars”

Procedimento Metodológico:

Recursos:

Humanos:

11. Professores;
12. Alunos;

Materiais:

44. Computador;
45. Quadro interativo;
46. Colunas;
47. Quadro;
48. Sintetizador;
49. Flauta de bisel;
50. Xilofones
51. Guitarra
52. Clavas
53. Ferrinhos
54. Pandeiros

Avaliação:

Observação das interações e dinâmicas de grupo.

Observação das interações e dinâmicas individuais.

Interação com o Professor estagiário e colegas no questionar e procura de soluções.

Referências Biográficas:

Observações:

Anexos:

Anexo 1:

Musical score for Anexo 1, consisting of three systems of piano and bass staves. The key signature is one flat (B-flat) and the time signature is 4/4. The first system includes a piano line with a triplet of eighth notes and a bass line with quarter notes. The second system continues the piano line with eighth notes and the bass line with quarter notes. The third system features a piano line with a triplet of eighth notes and a bass line with quarter notes.

Anexo 2:

Musical score for Anexo 2, consisting of three systems of a single bass staff. The key signature is one flat (B-flat) and the time signature is 4/4. The first system contains quarter notes with a dynamic marking of *f* (forte) under each note. The second system contains eighth notes with a dynamic marking of *f* under each pair. The third system contains eighth notes with a dynamic marking of *f* under each pair.